

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 59 - Série VII - N.º 816
17 de Agosto de 1989
Preço: 60\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22 / 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

Bilhetes da RN para a Festa à venda nos Centros de Trabalho do PCP

A partir do final da próxima semana estarão à venda nos Centros de Trabalho do PCP módulos pré-comprados que dão direito ao transporte nas carreiras especiais da RN que durante os três dias da Festa asseguram o transporte Entrecampos/Infantado.

Aquelas carreiras podem igualmente ser utilizadas pelos possuidores dos passes sociais L12 e L123 ou com os módulos normais (5 módulos - 125\$00 por viagem de adulto e 2 módulos - 49\$00 para crianças dos 5 aos 12 anos). Contudo, no sentido de assegurar transporte aos que exclusivamente se queiram dirigir à Festa, serão editados módulos especial «Festa do «Avante!» - Entrecampos/Infantado».

Os módulos especiais poderão ser adquiridos nos dias da Festa nas condições habituais, mas a organização da Festa, em colaboração com a RN, decidiu desde já assegurar a possibilidade de compra dos módulos nos Centros de Trabalho do PCP, nomeadamente na região de Lisboa e Setúbal.

As carreiras Entrecampos/Infantado funcionarão até às 2 horas da madrugada e com garantia de transporte a todas as pessoas que estiverem em linha de espera a essa hora. Conforme foi já divulgado, esta carreira é servida por um corredor de circulação na via-rápida exclusivo da RN e com acesso próprio à zona do Infantado, com um terminal perto da entrada principal da Festa.

Outras carreiras da RN

Além da carreira especial, os visitantes da Festa poderão igualmente utilizar outras carreiras normais da RN, nomeadamente:

- 204 - Patameiras/Loures
- 215 - Cacém/Loures
- 301 - Sacavém/Loures
- 331 - Lisboa (Entrecampos)/Loures
- 332 - Lisboa (Entrecampos)/Loures
- 333 - Lisboa (Entrecampos)/Bucelas (pela via rápida)
- 335 - Lisboa (Calçada do Desterro)/Bucelas (por Cabeço de Montachique)
- 336 - Lisboa (Entrecampos)/Bucelas (via Ribas)
- 337 - Lisboa (Entrecampos)/Fanhões (via Manjoeira)
- 338 - Lisboa (Entrecampos)/Zambujal (via rápida por Frielas)

Carlos Costa
e Domingos Lopes

em
**Moçambique,
Zimbabwe
e Tanzânia**

Pág. 8/Semana

Álvaro Cunhal
na volta
da Bulgária
e da Jugoslávia

Pág. 3/Semana

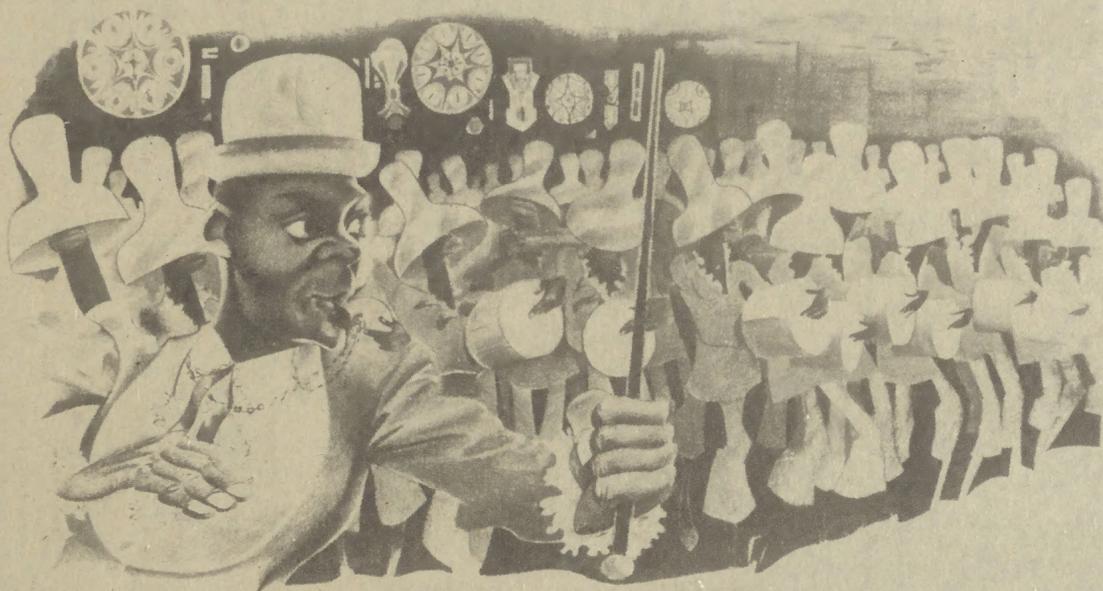
A luta pelos salários

- **Correios com greve marcada para o fim do mês**
- **Stal repõe a capacidade das autarquias**
- **Vista a inflação, CGTP pronuncia-se**
- **Fenprof prevê continuação da luta**
- **Sumário sindical**

Págs. 1, 2 e 3/Semana

a festa!

Escola de Samba da Portela



Birelli Lagrene

Vozes búlgaras



BATALHA POLÍTICA EM MÚLTIPLAS FRENTES

A quatro meses apenas das eleições autárquicas de 89 começa a definir-se com meridiana clareza o quadro geral da situação em que vão inserir-se.

Duas questões de flagrante incidência política vão ser submetidas a este «contencioso» eleitoral de fim do ano.

Uma, natural objectivo específico do sufrágio de Dezembro: a escolha dos cidadãos e das forças que até 1992 irão exercer o mandato autárquico para os órgãos de poder local ao nível de Concelhos e Freguesias;

Outra, que se afirma como inevitável nas condições da situação portuguesa que passa, a de um verdadeiro teste à política e ao governo de direita PSD/Cavaco Silva seriamente derrotado nas recentes eleições de Junho para o Parlamento Europeu e que continua actualmente a ser alvo de forte contestação popular.

Um novo deslocamento de forças favorável à democracia está ao alcance do movimento popular e democrático mesmo numa batalha de múltiplas frentes e complexa expressão política.

A escolha dos candidatos para a gestão autárquica a eleger a 17 de Dezembro movimentada já numa escala desusada em preparativos últimos todas as forças do espectro político português.

Para a Coligação Democrática Unitária — CDU — é uma tarefa de elevada responsabilidade que exige uma grande mobilidade política e uma grande concentração de esforços.

De facto, o que está em jogo não se compadece nem se resolve, na óptica das forças coligadas na CDU, com rasgos de oratória nem com inconsequentes processos de intenção. É algo, que toca profundamente as necessidades básicas da população, os problemas elementares da vida comunitária de todos os dias.

Dão pelos nomes prosaicos de saneamento básico, habitação social, rede viária, transportes, equipamento social, ensino, cultura e lazeres do povo em particular da juventude e da infância, associativismo popular e outros do estilo essenciais para a humanização da vida comunitária dos agregados populacionais.

São problemas e questões que reclamam trabalho concreto, duro, abnegado e competente dos que receberem o mandato popular. Exigem estruturas adequadas, organização racional de serviços, recursos financeiros de vulto, economia de meios, custosas tecnologias de ponta para uma gestão moderna. Criteriosa, eficiente e honesta administração dos bens públicos.

Trata-se de exigentes tarefas realizáveis somente na base de uma ampla autonomia e descentralização de poderes, de uma criteriosa articulação e harmonização entre o poder local e o poder central, de uma definição rigorosa de competências e participações financeiras.

E, naturalmente, para a CDU, implica uma viva interligação entre o poder autárquico e as organizações populares de base, uma participação popular activa em todas as esferas da vida comunitária, sem as quais nenhum válido projecto de poder local pode vingar.

A Coligação Democrática Unitária — CDU — vai para as eleições de 17 de Dezembro armada de um capital de experiências incomparável, de um activo excepcional de realizações, de uma gestão autárquica altamente qualificada ao serviço das populações e posta à prova numa vasta área do território nacional, apoiada na inextinguível dedicação de milhares de cidadãos, homens e mulheres, que deram no essencial jus à confiança popular neles depositada.

É na base dessa experiência sem igual e dos resultados concretos do seu activo de trabalho que assenta o projecto unitário da Coligação Democrática Unitária — CDU — e se fundamentam as suas propostas de unidade, convergência e aglutinação das forças democráticas visando derrotar e desalojar a direita lá onde uma necessária reunião de forças pode assegurar a vitória democrática em novas áreas do poder local.

A coligação «Por Lisboa», fruto de laboriosas negociações e do entendimento entre o PCP e o PS é um exemplo desse esforço unitário capaz de superar naturais dificuldades e de conglobar o apoio de outras correntes democráticas, de assegurar uma grande vitória democrática na capital do País e de assestar uma terminante derrota às forças de autêntica negação autárquica que são as da direita, do PSD e do CDS.

O PCP, integrado na Coligação Democrática Unitária — a coligação concorrente no máximo possível às eleições de 17 de Dezembro — está, além disso, em consonância com as restantes forças coligadas, aberto a entendimentos, a acordos, com todas as outras forças democráticas e de esquerda designadamente com o PRD, a UDP, o MDP, o PSR.

É na base da sua rica experiência unitária, dos resultados positivos da sua gestão autárquica e da sua política de unidade que o PCP, integrado na Coligação Democrática Unitária — CDU — formula propostas para uma vasta e diversificada aglutinação de forças cuja vitória ou reforço em vastas

áreas no plano nacional representaria um passo de enorme projecção política no caminho da construção de uma alternativa democrática viável à direita governante chefiada por Cavaco Silva.

Um Governo e uma política em nítida perda de força, eis o panorama da direita governante nesta antevéspera das eleições autárquicas. Ao avanço e ao reforço das tendências unitárias no seio das forças democráticas correspondem uma crescente divisão e o acréscimo de dificuldades no seio das forças da direita.

Confrontos entre o PSD e o CDS em luta pela hegemonia no seio da direita; aceras rivalidades pessoais e de grupo entre os dirigentes nacionais do PSD; situação de ruptura entre o PSD e o PS em autarquias antes conquistadas à CDU e projectos que o PSD procurou impor ao PS de coligações entre os dois partidos em 24 concelhos onde a CDU detém uma forte influência eleitoral.

É uma ruptura que a concretizar-se resultará numa nova e sensível queda na hegemonia autárquica da direita. Inversamente, quaisquer coligações de partidos democráticos com o PSD resultariam inevitavelmente no enfraquecimento daqueles partidos e num balão de oxigénio, ainda que de relativo valor, para a direita governante.

É ainda um sintoma de fraqueza e não de força do cavaquismo a recente imposição pela maioria parlamentar do PSD de uma nova lei eleitoral injusta e antidemocrática.

É, porém, no plano económico e social que se aprofunda o divórcio entre o cavaquismo e os interesses nacionais entre o Governo PSD/Cavaco, o Povo e o País.

Degradação económica e financeira, instabilidade social e política, desestabilização institucional (pronúncios de conflitualidade entre o governo e o Presidente da República) eis o panorama do domínio da direita sobre o aparelho de Estado e a política nacional.

No plano económico uma política atrabiliária de agravamento da inflação e dos preços afecta não somente as classes trabalhadoras como as classes e camadas intermédias da população.

Uma inflação que ronda os 14% e que o Governo, para manter e agravar o poder de compra dos trabalhadores, persiste em contabilizar nos 6/7%.

Um crescente agravamento em termos absolutos do défice da Balança Comercial que passou, nos primeiros quatro meses de 1989, de 3400 milhões de dólares para 5100 milhões.

Uma sensível desvalorização do escudo resul-

Resumo

9 Quarta-feira

Um incêndio lavra há 3 dias na zona da Covilhã queimando milhares



de hectares de floresta ■ Jorge Sampaio, cabeça de lista da Coligação «Por Lisboa», almoça com o actual presidente da Câmara Municipal da cidade, Nuno Abecasis, cumprindo aquilo que Sampaio considerou «um dever institucional» ■ O PRD dá por formalmente rompido o acordo assinado com o PS para as eleições europeias e autárquicas, na sequência da legalização da coligação «Por Lisboa» ■ O CDS recusa «categoricamente» a proposta do PSD para uma negociação nacional envolvendo as autárquicas, preferindo apenas coligações em Lisboa e em outras localidades consideradas por Freitas do Amaral como «excepções» ■ O dirigente do PCP, Carlos Costa, afirma no regresso de uma visita a vários países africanos, incluindo Moçambique, que no recente Congresso do Partido Frelimo foi reafirmada a «intenção de construir uma sociedade socialista» ■ Torres Couto, líder da UGT, regressa de uma viagem à Jamba onde esteve no aniversário de Jonas Savimbi. Torres Couto diz que irá interceder pela UNITA a nível de Parlamento Europeu ■ As autoridades do Zaire declararam-se «espantadas» com as declarações de Savimbi a um jornal português, segundo as quais não terá aprovado os acordos de Gbadolite. Decorre em Kinshasa a terceira ronda de conversações para um cessar-fogo em Angola.

10 Quinta-feira

O Instituto Nacional de Estatística revela que a inflação nos primeiros sete meses do ano foi de 12,8 por cento, enquanto o Governo estabelece um tecto salarial de 9 por cento



para o ano que vem ■ Jorge Sampaio e Rui Godinho, da coligação «Por Lisboa», visitam Olivais, Chelas e Marvila para divulgar os seus planos para acabar com a marginalização e o abandono da zona oriental da cidade.

de. A Comissão Executiva da Coligação reúne-se pela primeira vez, com a presença de Jorge Sampaio e do candidato a presidente da Assembleia Municipal, José Saramago ■ Produtores de fruta da Região Oeste mantêm cortadas as Estradas Nacionais números 4 e 18, de ligação a Peniche, bem como a linha férrea do Oeste, em protesto contra a ausência de medidas governamentais em relação à importação de frutas, enquanto as portuguesas não são es-



coadas pelo mercado ■ Credores da Caixa Económica Faialense manifestam-se nas ruas de Lisboa contra o Governo, por este não dar qualquer garantia de ordem financeira aos emigrantes lesados pela falência da Caixa, numa dívida que totaliza um milhão e 500 mil contos ■ A pedido do Panamá, o Conselho de Segurança das Nações Unidas convoca uma reunião para analisar as movimentações e exercícios militares que os norte-americanos realizam naquele país, que protestou contra esta «violação da soberania.»

11 Sexta-feira

Uma delegação parlamentar visita a Costa Alentejana atingida por um acidente ecológico com o navio «Marão», que em Sines derramou toneladas de crude. A Câmara de Sines manifesta apreensão pelo facto de dispor de poucos recursos para enfrentar situações deste tipo ■ A Associação Nacional dos Municípios Portugueses repudia «inequivocamente» a Lei da Tutela Administrativa das Autarquias Locais, e solicita ao Governo uma entrevista com carácter de «prioridade absoluta» ■ 40 empresas paralisam na Estónia (União Soviética) em consequência de uma greve desencadeada por trabalhadores não estonianos, em protesto contra leis da República que consideram discriminatórias ■ O grupo africano das Nações Unidas pede uma reunião com carácter de urgência ao Conselho de Segurança sobre a Namíbia, pela degradação a que chegou o processo de independência daquele território.

12 Sábado



A CGTP reivindica reajustamentos salariais que compensem os trabalhadores pela redução do poder de compra, provocada pela subida de inflação, considerando «preocupantes» as orientações do Executivo ao estabelecer um tecto salarial de nove por cento ■ O Primeiro-Ministro polaco, Czeslaw Kiszczak, declara desejar

encontrar-se com Lech Walesa por forma a encontrar uma plataforma de que resulte um governo resultante de uma grande coligação, «a única maneira de fazer a Polónia sair da crise económica» ■ Joaquim Gomes, atleta da Sicasal/Torriense, ganha a Volta a Portugal em Bicicleta.

13 Domingo

A UDP anuncia a sua disponibilidade para integrar candidatos seus na coligação «Por Lisboa» ■ No final da IX Feira do Melão de Vila Franca de Xira, os produtores queixam-se dos enormes prejuízos causados na produção pelo calor sentido no mês de Julho, vendendo a colheita a 20/25 escudos o quilo, apesar de o fruto chegar ao consumidor a preços superiores a 80 escudos ■ Pelo quarto dia consecutivo, Beirute está sob fogo intenso, por confrontos entre as diversas facções armadas, causando já a morte a 450 pessoas ■ A delegação governamental angolana e a da UNITA, reunidas no Zaire, interrompem as conversações e marcam encontro para o dia 19. Um comunicado oficial diz que «as discussões decorreram num clima de serenidade face às propostas apresentadas pelo Zaire sobre medidas práticas para a aplicação do cessar-fogo, registando-se progressos sensíveis».

14 Segunda-feira

Diversas personalidades portuguesas tomam palavra perante a Comissão de Descolonização da ONU para conseguir o apoio para a descolonização de Timor-Leste ■ O PS considera «um escândalo social» os erros sobre a inflação, em dois anos seguidos, e que nada seja decidido pelo Governo sobre uma revisão extraordinária das pensões ■ O Sindicato dos Transportes Fluviais e Costeiros anuncia uma greve de dez dias, a partir de 21 de Agosto, para os barcos que ligam Barreiro a Lisboa ■ O primeiro-ministro polaco, Czeslaw Kiszczak anuncia a intenção de se demitir, propondo Roman Malinowski, presidente do Partido Camponês, para o lugar.

15 Terça-feira

O Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local anuncia que se deslocará, quarta-feira, à Secretaria de Estado da Modernização Administrativa para discutir a reforma do sistema retributivo da Função Pública ■ Novos incêndios de grandes proporções são combatidos pelos bombeiros nos concelhos de Celorico da Beira, Guarda e Sabugal ■ A França decide reforçar a presença naval no Mediterrâneo Oriental, junto do Líbano, para «prestar assistência à comunidade francesa», enquanto em Beirute prosseguem os combates nas ruas ■ W. Klerk, líder do Partido Nacional sul-africano toma posse como novo presidente (interino) prometendo a paz, mas não o fim do apartheid, para a África do Sul.

tante da emissão indiscriminada de papel-moeda.

Novos movimentos de especulação bolsista por acção de grupos estrangeiros que estão a apossar-se em massa das empresas portuguesas mais rentáveis.

Uma ruínoza política de importações que afecta já duramente a nossa produção frutícola e vinícola.

Isto sem falar naturalmente na ruínoza política do governo centra! relativamente às autarquias denunciadas pela Associação Nacional de Municípios que denunciou energicamente as novas disposições da Lei das Autarquias impostas exclusivamente pela maioria parlamentar do PSD; pela Câmara de Barcelos que por falta de recursos de comparticipação está impossibilitada de utilizar importantes subsídios do FEDER; pelos cortes de comparticipações para as autarquias como forma de atenuar o grave défice do orçamento do Estado.

É contra esta política económica e social que pesa duramente sobre os trabalhadores e as camadas populares intermédias, que se intensificam no momento actual potentes acções de massas, dos agricultores do Oeste, dos marinheiros fluviais do Tejo, do professorado, dos bancários, da Função Pública e de outros sectores sociais.

O PCP está no âmago desta necessária e cada vez mais intensa resposta política e de massas à acção antipopular, antidemocrática e antinacional da direita cavaquista governante.

É uma acção de envergadura que exige a participação, o dinamismo e a iniciativa criadora de todos os membros do Partido.

Neste quadro e nesta perspectiva de luta devem os comunistas e todos os seus amigos encarar a realização com êxito da Festa do «Avante!».

Fazer da Festa do «Avante!» uma poderosa iniciativa popular e democrática de massas exige de todos os camaradas do nosso Partido um grande esforço financeiro e técnico.

É de importância decisiva alargar a venda das EP's, organizar a participação popular na Festa no plano nacional, realizar até ao último dia jornadas de trabalho voluntário que façam da Festa do «Avante!» de 1989 uma realização democrática marcante.

Em plena pré-campanha para as eleições autárquicas é fundamental para os comunistas redobram de esforços, para que se conjuguem numa grande vitória contra a direita governante as magníficas condições políticas actuais do movimento democrático.

Tais são as irrecusáveis exigências do momento presente.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa
CODEX, Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa
CODEX
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av.
Santos Dumont, 57 - 2.º -
1000 Lisboa
Tel. 73 22 75/76 11 31/73 48 17

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa
Tel. 32 19 16

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

ALTERAÇÕES DE ÚLTIMA HORA
Tel. 90 00 44

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 -
4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos,
6-B - 1100 Lisboa. Tel.
77 69 36/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 18-2.º,
Esq.º
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heka Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/88

Menos um entrave à liberdade sindical

Mais de quinze anos depois do 25 de Abril continua a não ser pacífico o exercício do direito constitucional da formação de sindicatos de trabalhadores assalariados. O mesmo acontecia até à poucos dias com o exercício da liberdade sindical nos estabelecimentos fabris das Forças Armadas. Mas, após seis anos de «intensa luta», como recordam por exemplo a comissão executiva do Conselho Distrital da União dos Sindicatos de Setúbal/CGTP e a própria central, os «mais de 10 mil trabalhadores do sector» provaram mais uma vez que «sem luta nada se consegue», e viram finalmente satisfeitas as suas aspirações legais à formação do Sindicato das EFFAS.

A União dos Sindicatos de Setúbal, ao saudar vivamente aqueles trabalhadores pelo êxito alcançado ao fim de tanto tempo sublinha que, «durante seis anos, sucessivos governos desrespeitaram a lei sindical e os pareceres do Supremo Tribunal Administrativo, Provedor da Justiça e Tribunal Constitucional, todos eles defendendo a legitimidade da constituição do sindicato».

Põe-se termo a uma injustiça

Numa nota divulgada no passado dia 9, a CGTP congratula-se com a legalização do Sindicato dos Trabalhadores Civis dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas e destaca a flagrante injustiça que a proibição constituía «à luz das disposições legais aplicáveis no nosso país e das normas internacionais vigentes». Recorda a central sindical que «já em 24 de Julho de 1979 a Comissão de Direitos Constitucionais da Assembleia da República se pronunciara favoravelmente quanto à constituição do sindicato».

Mas foi letra morta durante mais de dez anos. E foram necessários ainda mais seis para que os pareceres do poder judicial tivessem enfim o necessário efeito no Governo do nosso país. E não foram só os pareceres jurídicos das mais altas instâncias desse poder constitucional que reconheceram o di-

reito inalienável de sindicalização dos trabalhadores dos EFAS. Esse direito foi reconhecido também pela própria Direcção dos Serviços do Trabalho, dependente do agora Ministério do Emprego e Segurança Social; Organização Internacional do Trabalho, a OIT, onde nunca é demais lembrá-lo, se encontra representado, com a correspondente audiência, o Governo português.

Assim, todo este processo, como realça a CGTP, «**exemplifica bem que a luta persistente, constante e determinada pelos mais elementares direitos sindicais não deixa nunca de dar os seus frutos.**»

Exemplo a reter no contexto actual

Significativamente, a União dos Sindicatos de Setúbal «puxa» para título da sua nota de Imprensa sobre o caso a «luta dos trabalhadores», que obrigou «Cavaco Silva a legalizar o sindicato dos EFFAS». Na verdade, a legitimidade da constituição do sindicato foi conseguida no contexto actual da luta dos trabalhadores portugueses e da evidente falta de prestígio e crédito do Governo de Cavaco Silva, que tem contra si vastas camadas da população; é no contexto das lutas desenvolvidas pelos trabalhadores dos estabelecimentos fabris das Forças Armadas e da sua determinação em prosseguir-las que se insere esta vitória», bem sublinha a União dos Sindicatos de Setúbal.

Razão têm os dirigentes da USL para concluírem a sua nota sobre a legalização do Sindicato dos EFFAS exortando os trabalhadores do sector a reforçarem a sua unidade e organização, «na certeza de que o seu sindicato, agora legalizado, será um pilar importante na luta a travar pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho, pela construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna».

Entre os diversos estabelecimentos fabris das Forças Armadas inclui-se o Arsenal do Alfeite.

Três dias de greve já marcada nos CTT

A Comissão Negociadora Sindical, formada pela FCT, SNTCT e SINTEL, organizações sindicais representativas dos trabalhadores dos CTT a nível nacional, marcaram quinta-feira passada uma greve de três dias (30, 31/8 e 1/9) para, como sublinham, evitarem a «situação de arrastamento das negociações» do CTT/AE/89, ou seja o acordo de empresa para o ano corrente. Esse situação, bem conhecida dos sindicatos e do pessoal interessado, deve-se «exclusivamente às instruções dadas pela SEC (Secretaria de Estado das Comunicações) à administração (dos CTT), repetem os sindicatos, que não aceitam um aumento de 8,52 por cento, «completamente irrisório — afirma a FCT —, face a todos os dados conhecidos», oficialmente ou não.

Mais meio por cento

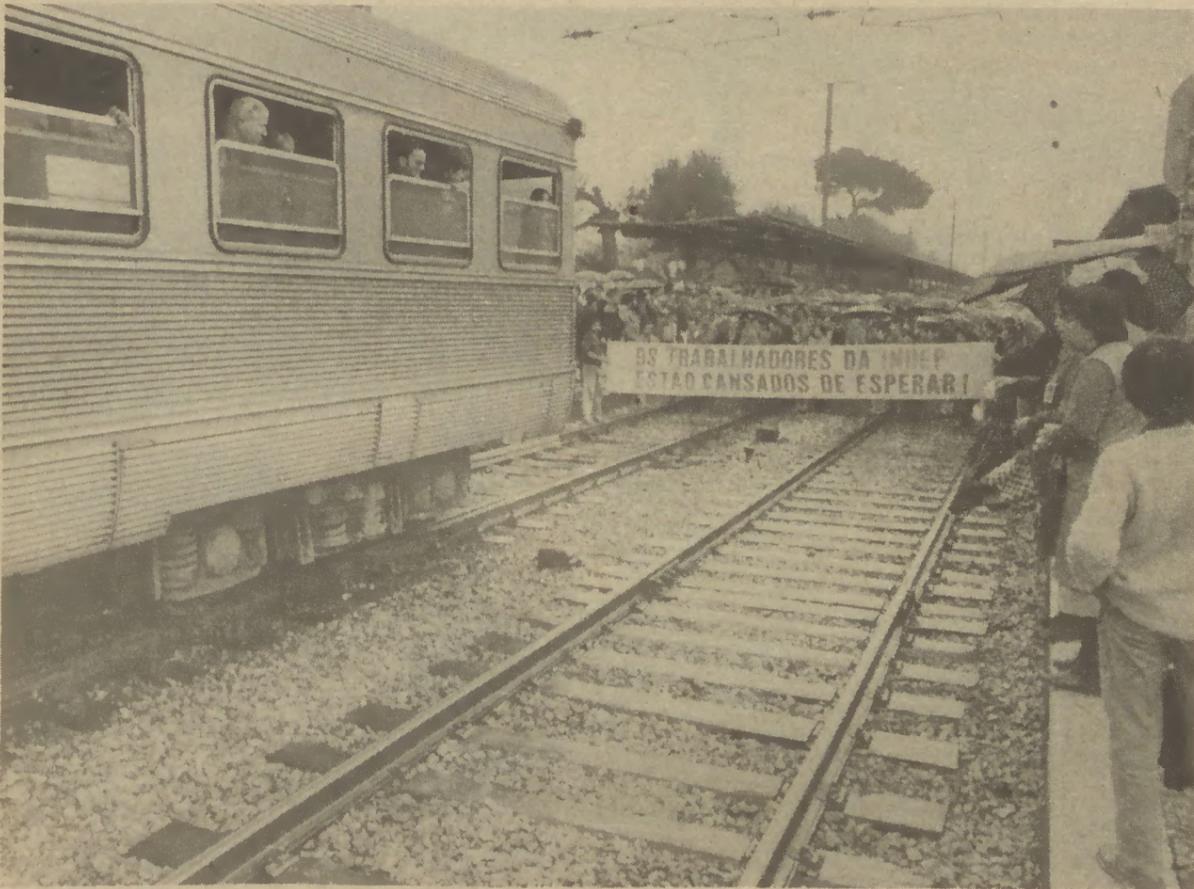
O aumento na tabela salarial para o CTT/AE/89 seria de meio por cento, se a proposta do Governo e da administração dos Correios fosse aceite pelos sindicatos e pela

Federação. A Comissão Negociadora Sindical (CNS) considera que propostas salariais desse tipo não são «**minimamente credíveis**». São «completamente inaceitáveis» pelos trabalhadores, reafirma a CNS.

No entanto, ainda na passada quinta-feira, 10, era «solicitada uma reunião urgente» à Secretaria de Estado das Comunicações pelos sindicatos, acrescenta a CNS, pois é a ela que «cabe em primeira mão a responsabilidade pelo arrastamento injustificado das negociações».

Sem qualquer resultado palpável para os trabalhadores dos CTT, como sublinha a Federação das Comunicações e Telecomunicações, que faz parte da CNS, a situação não pode manter-se, pois impede «a desejada rapidez negocial» e a «obtenção de uma justa e rápida revisão, quer do AE salarial, quer do AE global», como já em 9 do corrente assinalava a FCT.

Todas as organizações sindicais fazem um forte apelo à participação dos trabalhadores.



A Indep (na foto, cortando, como forma de luta, a via férrea em Braço de Prata, a 18 de Dezembro de 1987) foi e é uma das empresas mais activas do sector das EFFAS, na participação na vida do seu local de trabalho, na defesa do emprego e dos salários, na fundação, afinal, do Sindicato dos Trabalhadores Civis dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas

Inevitável correcção das remunerações

«A inflação justifica a luta por aumentos salariais», destaca a CGTP a propósito dos 12,8 por cento — taxa inflacionista recentemente divulgada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Janeiro a Julho do ano corrente. A advertência da Central justifica-se ainda mais, se tivermos em conta que o Governo continua com a pretensão de estabelecer um «tecto salarial» de 9 por cento, ignorando ostensivamente «os ganhos de produtividade e a inflação real».

Correcção também nas reformas e pensões

A correcção não deve limitar-se aos salários. Afirma a CGTP que o nível inflacionário exige também que sejam aumentadas as reformas e pensões.

Recorde-se que, tanto os salários como as restantes remunerações de pessoal, foram submetidos a despacho do secretário de Estado do Orçamento, que estabeleceu 9 por cento para o aumento com essas despesas no próximo ano.

Essa orientação por despacho foi enviada para as principais empresas e serviços estatais.

O desbloqueamento de todos os processos de negociação colectiva e o reajustamento das remunerações e subsídios de toda a ordem são reclamados mais uma vez pela CGTP. Sublinha-se que o valor inflacionário de 12,8 por cento de Janeiro a Junho do ano corrente está cada vez mais longe dos salários, «cada vez mais longe da Europa e cada vez mais longe da previsão do Governo, que era de 6 por cento», como se deve recordar.

REFORMA AGRÁRIA
Entrevista com **JOSÉ SOEIRO**

Proletários de todos os países: UNI-VOS!
O Militante
BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**ALARGAR E REFORÇAR
A CDU PARA
AS AUTARQUIAS**



Trabalhadores

Sumário sindical

Abuso — Por ter deixado a sua motorizada num local de estacionamento habitualmente utilizado pelos membros da administração, Olinda Vaz Duarte de Abreu, empregada há 20 anos da firma Tomé Feteira, de Leiria, foi despedida ao abrigo da nova lei dos despedimentos. O Sindicato dos Metalúrgicos, que refere o caso como um abuso na aplicação daquela lei, protesta vigorosamente contra utilizações desse tipo e recorda que a Tomé Feteira continua com salários em atraso. O despedimento, com um pretexto ridículo, pois segundo o Sindicato a trabalhadora apenas deixara o seu veículo naquele local com a «pressa de pegar ao serviço», não passa de uma prepotência que o Governo Cavaco Silva pôs em mãos de gente como a da administração Feteira, que, ainda segundo o Sindicato, «não podia perder esta oportunidade», pelo que os trabalhadores daquela e de outras empresas são diariamente chamados a opor-se, cerrando fileiras, a fim de «fazer abortar mais esta tentativa de imposição da lei da selva, que o patronato e o Governo pretendem fazer vingar».

«Jornalismo» — Está em distribuição o número de Verão do boletim «Jornalismo» do Sindicato dos Jornalistas. Entre outros assuntos abordados, merece destaque o acordo ortográfico e «os reparos do SJ», cuja direcção acaba, por outro lado, de encetar diligências para rever os estatutos, dada a necessidade de os actualizar e modernizar».

Agressão — Quando tentava evitar pelo diálogo «o despedimento ilegal de um trabalhador da empresa Louças Taurus», um dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto foi vítima de agressão. A direcção do Sindicato, que condena o sucedido, não menciona o nome do agredido nem do agressor, mas acrescenta que a agressão se deu no passado dia 1 e que dela apresentou participação judicial na esquadra da PSP na Areosa, Porto, «e irá avançar com uma queixa-crime contra o agressor».

«tfp» — Com um «dossier» sobre o LNEC (Laboratório Nacional de Engenharia Civil), entre outras matérias de interesse e actualidade, foi distribuído pelos associados o número de Julho do «tfp», jornal do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores. Sob o título «A investigação em Portugal — Que Futuro para o LNEC», o boletim do STFPSA pergunta «até quando o LNEC poderá resistir» e afirma que «o prestígio granjeado» por aquele Laboratório «ao longo dos seus já 40 anos de actividade só foi possível devido à qualidade dos seus meios humanos, técnico-científicos e do equipamento indispensável ao desenvolvimento da actividade. Será que o Governo não está interessado em manter uma das instituições que mais prestígio tem dado ao País ou, segundo esperamos, não conhece devidamente as implicações das suas medidas? Para quem nos quiser ouvir — sublinha o «tfp» — aqui estamos para demonstrar que o LNEC tem futuro e que é de elementar justiça manter esta instituição com o nível a que o País se habituou».



O primeiro responsável

Ao repor, contra «um título bombástico» (*Correio da Manhã* de 9.8) de «uma notícia que pode induzir em erro», o que considera a capacidade, «por todos reconhecida», das autarquias locais, o Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) sublinha muito justamente essa **capacidade** dos trabalhadores do sector, sem excepção, lembrando aos mais desprevenidos que «a existência de analfabetos nas autarquias não é mais do que o reflexo da grave situação cultural existente no nosso país, e tem como responsável o Governo actual (e anteriores), que nos têm desgovernado».

Objectividade

Antes, muito se falou de objectividade. Que os jornais deviam ser objectivos. Isto é, que não deviam tomar partido.

Como se não tomassem sempre. Como se tomar partido não fosse a primeira coisa a fazer, antes mesmo de «escolher» a notícia, durante a sua escrita objectiva, e, depois dela, ao dar título e nome à coisa noticiada, ao arrumar da notícia na página, ou na hora da rádio, ou na imagem da TV.

Que os jornais estatizados, a informação estatizada em geral, diziam, não garantia a objectividade, que era um espantoso à criatividade por outro lado. E, por fim, que o pluralismo não podia ser garantido num órgão controlado pelo Estado, porque ele ficava desde logo nas mãos do Governo, isto é, do poder «político». Nada de mais verdadeiro, dirá o leitor, ao recordar os abundantes e tristes exemplos de falta de pluralismo ideológico em jornais e rádios, na televisão. Nas mãos do poder político ficaram a maior parte desses órgãos de informação.

Governamentalizados.

Isto é, o partido que tomam tais órgãos é o partido do Governo. O dos anteriores, o do actual.

A questão não é simples.

Primeiro, porque não há informação asséptica, desligada de ideologias, de modos de ver o mundo, de influências, de pressões. A verdade desdobra-se nas maneiras de a ver e de lhe apreciar os contornos. E a objectividade só faz sentido e existe — porque pode existir! — após o enquadramento que se lhe dá ou pretende dar.

Encontrando-se os órgãos de informação nas mãos do Estado, é natural que os seus órgãos lhe pretendam impor rumos e definir escolhas. Só que existem mecanismos democráticos para regular excessos, para garantir o pluralismo das maneiras de ver. Se tais mecanismos não têm funcionado ou têm funcionado pouco, isso fica a dever-se à arrogância antidemocrática dos governos que entendem a sua legitimação eleitoral como perdão a todos os desmandos.

Se os governos têm governado contra a Constituição, porque não governariam eles contra a verdade, a objectividade e contra o pluralismo?

Posto isto, as mazelas decorrentes da atitude antidemocrática de sucessivos governos, que têm deixado rasto nas redacções, sucedendo-se as direcções e as chefias muitas vezes ao arripio da vontade dos jornalistas, contra os pareceres do Conselho de Comunicação Social, os escândalos de informações pouco verdadeiras e de manipulações partidárias ao serviço dos executivos no poder, têm servido de base a uma argumentação favorável à privatização dos jornais estatizados. Argumentação em que não é raro ver-se jornalistas embarcarem. Privatizados, os jornais ficariam mais... objectivos. Privatizados, escapariam à influência do poder político. Ficariam mais... livres e independentes. E... verdadeiros...

Naqueles jornais onde a privatização já chegou, porém, o desafio que se coloca ao leitor é de encontrar essa independência, essa liberdade e, no fim de contas, esse pluralismo de ideias.

Ainda há dias, comentando a reestruturação que se seguiu à privatização de um jornal do Porto, um dos manda-chuvas do processo afirmava candidamente que, a partir de agora, esse jornal se ia aproximar mais das questões do Norte do País — o que não tem nada de mal, abstraindo da arrogância nortista que não se cansa, desde Novembro de 1975, de apresentar o Norte em oposição ao Sul, para fazer valer as votações à direita contra as votações à esquerdá. Disse mais o indivíduo que, a partir de agora, o jornal se ia aproximar mais dos grandes grupos económicos da região.

Pudera!

No momento em que, pela mão do cavaquismo, crescem e se consolidam as bases dos novos grupos monopolistas, mostram-se as vontades, os projectos e, já, os primeiros resultados, no que toca à propriedade dos jornais.

Cada grupo quer ter o seu.

Não se trata, porém, de ali se anunciarem os produtos de mercado que cada um deles pretende vender. Trata-se de, usando o poder económico, impor os pontos de vista dos monopólios.

Uns mais assim, outros mais assados, todos, porque monopolistas, se situam à direita da objectividade.

Trabalhadores

Fenprof: Reunião com a SEES «totalmente improdutiva»

Quinta-feira passada, logo a seguir à reunião no Ministério da Educação, com o secretário de Estado do Ensino Superior, à qual faltou a secretária de Estado da Modernização Administrativa, «ao contrário do que inicialmente estava previsto», a direcção (secretariado nacional) da Fenprof destacava que «a reunião foi, mais uma vez, totalmente improdutiva», significando a posição do Governo que, «de facto», nada se poderá «negociar antes de Dezembro», posição essa que torna o Governo de novo «responsável pelas formas de luta que vierem a ser levadas a cabo nas diferentes escolas e academias, que poderão afectar o início do ano lectivo».

Pela sua importância e actualidade, transcreve-se a posição pública tomada pelo secretariado nacional da Federação Nacional dos Professores, Fenprof, no próprio dia da reunião:

«De facto, foi afirmado pelo Governo que:

«1. Continua a não reconhecer o princípio do paralelismo das carreiras docentes do ensino superior (sublinhados nossos) com a carreira da magistratura.

«2. O projecto de estatuto da carreira dos docentes do ensino superior politécnico, cuja entrega fora prometida até 19 de Julho, será, eventualmente, apenas apresentada aos sindicatos na próxima semana.

«3. A negociação dos estatutos das carreiras docentes só será realizada após a introdução de eventuais alterações sugeridas pelos pareceres do conselho de reitores e do conselho coordenador dos institutos politécnicos, o que, no primeiro caso, não surgirá antes do princípio de Dezembro.

«4. O início da discussão sobre o novo sistema retributivo só poderá ter lugar a partir da segunda quinzena de Setembro e após estarem discutidas as grelhas gerais da Função Pública. No entanto, o Governo considera que grelhas e estatutos têm de ser negociados simultaneamente, dado haver outra organização sindical que não a Fenprof, que pretende não dissociar estas questões, o que significa, de facto, que nada se poderia negociar antes de Dezembro.

«A Fenprof manifestou a sua discordância sobre a estratégia negociada proposta pelo Governo, tendo defendido a negociação, já em Setembro, das questões relativas à aplicação do novo sistema retributivo da Função Pública.

«A Fenprof fez entrega da moção de orientação sobre os estatutos de carreira docente do ensino superior, aprovada no seu terceiro Congresso em Abril de 1989 e em que expõe os princípios gerais que a Fenprof considera ser necessário ter em conta na revisão dos estatutos e que são:

«1 — Integração dos estatutos: a qualificações e responsabilidades idênticas deve corresponder estatuto idêntico.

«2 — Docência e investigação: unidade complexa que caracteriza a carreira docente no ensino superior.

«3 — Transparência na avaliação científica e curricular: reduzir a discricionariedade, eliminar a arbitrariedade.

«4 — Estabilidade e progresso na carreira.

«5 — O doutoramento: condição suficiente para garantir a estabilidade de emprego.

«O Governo, ao protelar o processo negocial, nomeadamente o relativo ao enquadramento salarial dos docentes do ensino superior, torna-se, mais uma vez, responsável pelas formas de luta que vierem a ser levadas a cabo, nas diferentes escolas e academias, que poderão afectar o início do ano lectivo.»

Nacional

Álvaro Cunhal na volta da Bulgária e Jugoslávia

O «Avante!» considerou de interesse ouvir o camarada Álvaro Cunhal no seu regresso da Bulgária e Jugoslávia, onde realizou conversações respectivamente com o secretário-geral do Partido Comunista Búlgaro, camarada Todor Jivkov e o presidente da Presidência da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, camarada Milan Paneovski. O encontro do camarada Álvaro Cunhal com o camarada M. Gorbatchov no mês de Março, os encontros realizados em Junho/Julho na sua visita à Polónia, Hungria, Checoslováquia e RDA, e agora os encontros na Bulgária e Jugoslávia dão ao PCP uma valiosa informação acerca dos processos em curso nestes países socialistas e das perspectivas da sua evolução, assim como proporcionam uma profunda troca de impressões relativas à situação internacional, ao movimento comunista e operário, à defesa da paz e às questões ideológicas mais candentes que coloca o mundo contemporâneo.

«Avante!» — Qual a impressão geral que trazes da situação nos dois países agora visitados e das conversações realizadas?

Álvaro Cunhal — Confirmam cinco ideias fundamentais. Primeira, que, nos dois países, tal como noutros países socialistas, grandes conquistas da revolução socialista são parte integrante e fundamental da realidade actual e base fundamental para as reformas em curso. Segunda, que se registaram atrasos no desenvolvimento, deficiências, erros e decisões cuja eficácia se não comprovou na prática, que se torna necessário ultrapassar. Terceira, que as diferenças das situações concretas, os caminhos seguidos, e também factores subjectivos tornam inteiramente naturais, necessárias, mesmo indispensáveis soluções diferenciadas na construção do socialismo. Quarta, que só o socialismo está em condições de resolver os problemas existentes. Quinta que o Partido Comunista Búlgaro e a Liga dos Comunistas da Jugoslávia estão decididos não só a defender, mas a prosseguir a construção do socialismo nos seus países. Isto é em resumo o que me parece de mais interesse sublinhar.

«Avante!» — Trazes portanto uma ideia optimista. Mas são conhecidos aspectos graves da situação na Jugoslávia.

A. Cunhal — O que acabo de dizer não significa que não haja nos dois países visitados problemas

de 100 ou 150 mil muçulmanos. Que podes dizer sobre essa questão?

A. Cunhal — As questões nacionais e étnicas nos países socialistas são extremamente complexas. Numerosos acontecimentos, alguns dos quais dramáticos, estão a revelar que nem todas as condições objectivas e nem as mentalidades tiveram respectivamente as soluções e a evolução que durante anos se pensou. Sem dúvida, que esses acontecimentos, incluindo o referido na pergunta, obrigarão a um exame aprofundado da política até agora realizada e de uma política conforme com as novas experiências e análises. Um outro aspecto da questão referida é a campanha que a ditadura turca e a propaganda anticomunista estão a desenvolver contra a Bulgária socialista. É bom estar prevenido em relação a essa campanha.

«Avante!» — Depois dos encontros agora realizados, quais as perspectivas de desenvolvimento das relações do PCP com o PCB e a LCJ?

A. Cunhal — Tanto o PCP como o PCB e a LCJ estão determinados não só a continuar como a reforçar e intensificar as relações de amizade fraternal existentes. As conversações agora realizadas decorreram num ambiente de cordialidade e camaradagem comunistas. As relações entre os comunistas portugueses e os comunistas búlgaros e jugoslavos constituem uma elevada expressão de amizade entre os povos e uma contribuição positiva para o desenvolvimento das relações de Portugal com a Bulgária e Jugoslávia socialistas.

sérios. Na Jugoslávia, como vocês referem, é reconhecida uma situação de crise. Na economia, uma dívida externa de 20 mil milhões de dólares, uma inflação prevista de mais de 600%, a consequente baixa dos salários reais. Na política, insuficiência do regime que leva à revisão da Constituição. No partido, contradições que procurarão ser resolvidas no próximo Congresso da LCJ. E tensões e contradições nas relações entre as nações e Repúblicas que constituem a Jugoslávia. Mas, nos encontros realizados foi-nos sublinhado com toda a nitidez que os comunistas jugoslavos procuram com determinação as soluções para os complexos problemas existentes e que os povos da Jugoslávia que, guiados pelos comunistas, deram na luta heróica contra o ocupante hitleriano 1 milhão e 500 mil vidas, assegurarão o futuro socialista da Jugoslávia.

«Avante!» — E em relação à Bulgária. A comunicação social dá nota da saída da Bulgária para a Turquia de mais

Administração Local Um quadro revelador

Por motivos justificados pelos organizadores do debate público que o STAL — Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local — efectuou em Lisboa quinta-feira passada, não puderam participar, ao contrário do que o «Avante!» da semana passada tinha noticiado, a partir de informação fornecida pelo próprio STAL, as organizações internacionais congéneres do mesmo sindicato, designadamente a União Eu-

ropeia de Sindicatos da Administração Local. O debate, que os dirigentes sindicais consideraram, de antemão, efectuar-se «num momento menos ideal», também não contou com a presença dos convidados do Governo, com relevo para a ausência da secretária de Estado da Modernização Administrativa, Isabel Corte-Real. Mesmo assim, o debate acerca da vida e do futuro do pessoal do sector, proporcionou, segundo o pre-

sidente do STAL, Santos Brás, intervenções «muito ricas» abordando «questões fundamentais para os trabalhadores da Administração Local».

O STAL, que faz parte da Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública, divulgou um «estudo comparativo do salário mínimo da FP e o salário mínimo nacional, face à inflação de 1974 a 1989», que inserimos a seguir:

Estudo comparativo entre o salário mínimo da F.P. e o salário mínimo nacional, face à inflação de 1974 a 1989

Ano	Salário mínimo nacional	% aumento salarial	Salário mínimo F.P.	% aumento salarial	Dif. entre mínimo nac. mínimo F.P. %	Inflação	Sal. mínimo nacional actualizado	Sal. mínimo F.P. actualizado	Perda poder compra F.P. %
1974	3 300	10,6	4 100	—	24,2	27,7	—	—	—
1975	3 650	10,6	5 000	22,0	37,0	20,5	3 977	4 941	—
1976	4 000	9,6	5 000	—	25,0	18,3	4 704	5 845	14,5
1977	4 500	12,5	5 800	16,0	28,9	27,3	5 989	7 440	22,0
1978	5 700	26,7	6 800	17,2	19,3	22,1	7 314	9 065	25,2
1979	5 700	—	7 750	14,0	36,0	24,2	9 081	11 283	31,3
1980	7 500	31,6	8 950	15,5	19,3	16,6	10 589	13 156	32,0
1981	9 000	20,0	10 900	21,8	21,1	20,0	12 707	15 787	31,0
1982	10 000	11,1	12 100	11,0	21,0	22,4	15 553	19 623	37,4
1983	13 000	30,0	14 200	17,4	9,2	25,5	19 519	24 251	41,4
1984	15 600	20,0	16 600	16,9	6,4	29,3	25 238	31 356	47,1
1985	19 200	23,1	20 300	22,3	5,7	19,3	30 109	37 408	45,7
1986	22 500	17,2	23 600	16,3	4,9	11,8	33 662	41 822	43,6
1987	25 200	12,0	26 400	11,9	4,8	9,3	36 792	45 712	42,2
1988	27 200	7,9	28 200	6,8 (± 8,0)	3,7	9,7	40 361	50 146	43,8
1989	30 000 31 500	10,3 15,8	31 600	12,1	5,3 0,3	13,5	45 810	56 915	44,5

* corresponde aos aumentos oficiais

ATÉ AMANHÃ CAMARADAS
de Manuel Tiago

O GRANDE ROMANCE DA CLANDESTINIDADE E DA RESISTÊNCIA AO FASCISMO EM PORTUGAL



edições Avante!

Poder Local

«Por Lisboa» quer dignificar a zona oriental da cidade

A coligação «Por Lisboa» apresentou aos jornalistas um vasto programa para a dignificação da zona oriental da cidade. Jorge Sampaio, Rui Godinho, João Soares, Vasco Franco, Vítor Costa, André Martins e outros elementos da coligação explicaram no terreno o que pretendem fazer na área para aproveitar as condições naturais privilegiadas que ela possui.

rio «adoptar uma série de medidas coordenadas e convergentes» com o objectivo de «dar condições de cidade a esta zona e de cidadania aos seus habitantes».

Prioridade aos acessos

Esta tarefa a que os candidatos «Por Lisboa» se propõem dar execução tem já caminho aberto, como foi sublinhado em vários momentos da visita. É que uma parte significativa dos terrenos pertence já à Câmara Municipal;

além disso, existe o Plano de Urbanização de Chelas, elaborado na década de 60, mas que tem sido implementado de forma descontínua.

A coligação «Por Lisboa» — que para esta visita convidou o engenheiro Fonseca Ferreira e o arquitecto Silva Dias, que desenvolveram as propostas — coloca à cabeça na lista de prioridades para a zona oriental de Lisboa a resolução do problema dos acessos, sobretudo a ligação de Chelas à Avenida D. Rodrigo da Cunha.

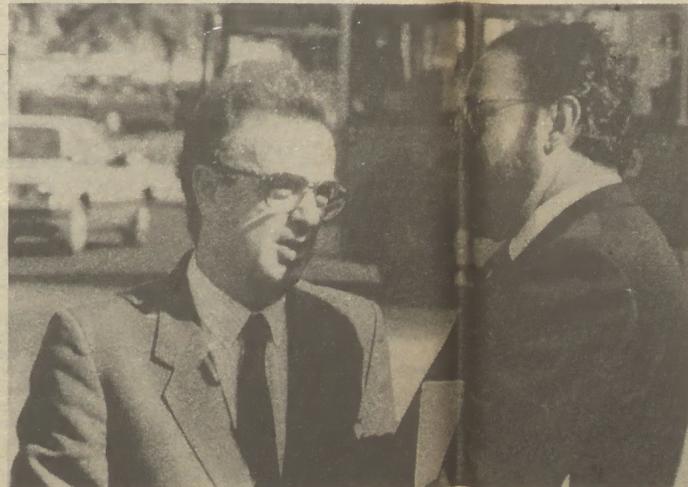
Tanto esta ligação, como a

A contrastar com essas condições — refere um documento distribuído no início da visita, quinta-feira passada — «desde há quase um século que a zona oriental de Lisboa sofre um processo de marginalização e de abandono, como se lhe tivesse sido destinada a função de caixote do lixo da cidade.»

Para mudar este panorama numa zona onde vive um sexto da população da capital (ali se situam bairros novos, como Chelas, Olivais, Encarnação, Madre Deus, e antigos, como Marvila, Beato, Poço do Bispo ou Braço de Prata), a coligação do PS, PCP, MDP/CDE e «Os Verdes» entende que é necessá-



O bairro de Chelas corre o perigo de se tornar um ghetto social — alertou o arquitecto Silva Dias (na foto segurando o plano com as propostas da coligação «Por Lisboa», que expôs detalhadamente e têm por objectivo fundamental evitar que aquela ameaça se concretize)



Jorge Sampaio e Rui Godinho no início da visita com os jornalistas à zona oriental de Lisboa

dos dois troços da Avenida Infante D. Henrique (Marvila) e a ligação de Chelas ao Areeiro — sublinharam os candidatos e apoiantes da lista «Por Lisboa» —, são de execução tão fácil, quanto necessária, uma vez que se trata apenas de prolongamentos de vias já existentes.

Os equipamentos sociais e o aproveitamento dos espaços públicos constituem outra grande linha do projecto «Por Lisboa» para a zona oriental. A coligação compromete-se, no documento entregue aos jornalistas, a realizar, «nos primeiros seis meses do mandato», o concurso dos projectos para, finalmente, dar execução ao centro cívico, cultural e comercial dos Olivais.

O plano de urbanização dos Olivais — que, lembrou Rui Godinho, foi na década de 60 «uma brecha no fascismo» — teria como coração este centro, que é até hoje um descampado (nas trasleiras do Pingo Doce e da Escola Primária n.º 25, provisória há dez ou vinte anos).

Vasco Franco considerou este «um dos grandes falhanços dos projectos do engenheiro Abecasis», depois de recordar o acordo deste com construtores privados, envolvendo o centro dos Olivais e o Vale dos Machados e que acabou por nada dar.

Além do Parque Oriental e do Parque do Vale do Fundão, a equipa «Por Lisboa» propõe um grande *continuo verde* que ligue o Vale do Silêncio à doca dos Olivais. Esta, que em tempos serviu hidroviáveis mas está há muitos anos desactivada, seria integrada num vasto complexo desportivo e de lazer, aproveitando uma das últimas oportunidades de fazer a ligação cidade-rio num ponto estratégico e com grandes potencialidades.

O arquitecto Silva Dias, autor do projecto de Chelas, alertou para o perigo de este bairro se tornar num *ghetto* social e salientou que um dos objectivos da lista «Por Lisboa» é travar e inverter essa tendência.

Próximas

A coligação «Por Lisboa» está a preparar outras iniciativas públicas para divulgar outras propostas para o município alfacinha. Jorge Sampaio anunciou para 25 de Agosto uma realização a

sinular o incêndio do Chiado, ocorrido faz um ano naquele dia; informou ainda que em Setembro serão promovidas actividades voltadas para as zonas históricas da capital (Alfama, Mouraria, Bairro Alto) e para a área abrangida por Benfica e Carmide.



No mapa vêem-se as principais propostas da coligação «Por Lisboa» para uma das partes mais deserdadas, senão a mais deserdada, da capital: os acessos, os parques e a zona de lazer, o centro cívico, cultural e comercial

Resíduos tóxicos em Olival Basto

A Câmara Municipal de Loures emitiu na semana passada uma nota reagindo a preocupações que lhe têm sido manifestadas relativamente à poluição tóxica que a empresa SNET tem vindo a provocar em Olival Basto.

A nota começa por referir que a Câmara Municipal de Loures concede particular importância às questões do meio ambiente, enquanto insistia com a Câmara para resolver o problema.

Após um segundo contacto da Câmara Municipal, a DGQA, «não tendo soluções, emitiu um parecer de acordo com o qual seria possível, mediante certas condições,

de Montemor e sem informar ou pedir autorização ao executivo municipal, começado a acumular os resíduos num terreno seu, enquanto insistia com a Câmara para resolver o problema.

Após um segundo contacto da Câmara Municipal, a DGQA, «não tendo soluções, emitiu um parecer de acordo com o qual seria possível, mediante certas condições,

esse fim, pois este tipo de lixo não pode ser compactado»; além disso, «ao aceitar-se a sugestão da DGQA estaria aberto o caminho para que outras empresas com problemas idênticos aos da SNET utilizassem o mesmo aterro, o que inviabilizaria a futura utilização do terreno para os fins atrás referidos e rapidamente esgotaria as suas capacidades».

Sublinhando que «cumprir ao Governo criar alternativas, sem esconder das populações as causas nefastas



A luta contra a poluição tem sido uma das principais frentes de actividade da Câmara Municipal de Loures. Os Serviços Municipalizados do concelho adjudicaram, só em 1989, obras no valor de 450 mil contos para a concretização do programa de despoluição da bacia do rio Trancão (na foto)

Só nessa altura — refere o comunicado — a CM de Loures tomou conhecimento que havia empresas que ali depositavam resíduos tóxicos altamente poluentes e nocivos à saúde das populações.

Ao encerramento da lixeira de Montemor correspondeu a entrada em funcionamento do aterro sanitário de Santa Iria da Azóia; este, concebido para depositar os lixos domésticos dos mais de 350 mil habitantes do concelho, tem um período de funcionamento previsto para oito anos. O projecto da CM de Loures — com custos já superiores a 150 mil contos — prevê que, passado aquele período, o terreno do aterro sanitário seja reconvertido e ali sejam construídos «equipamentos colectivos necessários à população da freguesia de Santa Iria da Azóia».

Em Outubro de 1988 a SNET contactou a Câmara Municipal para solucionar o problema do destino a dar aos resíduos perigosos que resultam da sua actividade.

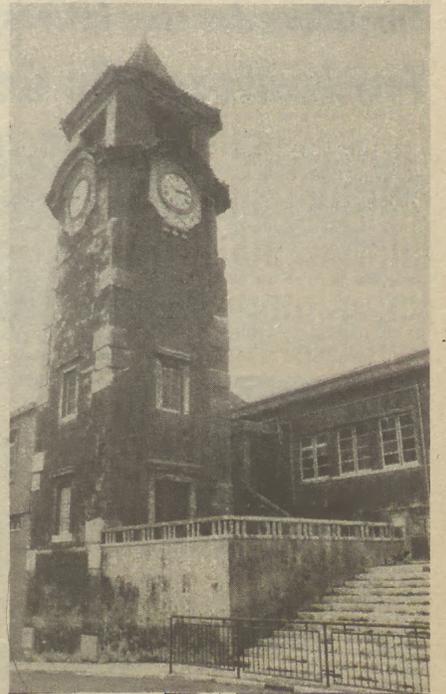
Em Portugal, contudo, não existem aterros preparados para resíduos daquele género.

A CM de Loures contactou então a Direcção-Geral da Qualidade do Ambiente, uma vez que a questão ultrapassava a competência da autarquia. A DGQA informou que o aterro de Santa Iria da Azóia não era compatível para o tipo de lixo produzido pela SNET. Esta — informa a nota da CML — tinha já, desde o encerramento da lixeira

depositar os resíduos no aterro sanitário de Santa Iria da Azóia — informa-se na nota.

Havia, contudo, um senão, como refere a CML: «essas condições poriam em causa o funcionamento actual do aterro, reduziram o seu tempo de funcionamento e implicariam que se reservasse uma área só para

dos resíduos industriais perigosos», a CM de Loures, a concluir o seu comunicado, realinha que não tem qualquer responsabilidade face ao que está a suceder com os resíduos ilegalmente depositados pela SNET e que se mantém «profundamente empenhada na resolução dos problemas de poluição existentes no concelho».



Barreiro

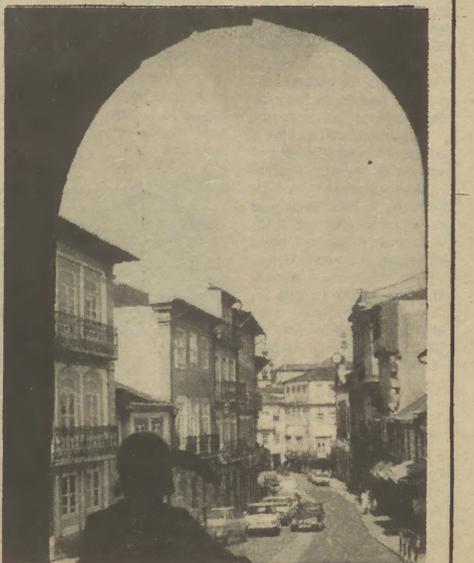
CM do Barreiro melhora recolha do lixo

A Câmara Municipal do Barreiro está a desenvolver diversas acções com vista a melhorar a recolha de lixos no concelho. Uma nota distribuída na semana passada informa que deverá iniciar-se em breve uma campanha de desinfectação a nível concelhio, cujo concurso foi recentemente aberto.

Enquanto nas zonas mais carenciadas estão a ser colocados novos contentores e papéis, a autarquia vai dispendir a breve prazo cerca de 2300 contos para a re-

paração de cem contentores de 1100 litros. A reparação de uma viatura de recolha de lixos, que custará cerca de 1400 contos, permitirá também melhorar no imediato este serviço.

A recolha de lixo no concelho do Barreiro — regista a nota, assinada pelo presidente da CMB, Helder Madeira — tem sido prejudicada ultimamente por problemas como a falta de pessoal e a existência de material deteriorado e viaturas avariadas.



Valença

Olh'ó ministro!

A situação no que respeita à harmonia paisagística em Valença anda mesmo muito mal. Diz a coordenadora local da CDU que «tudo quanto é parede e passeio, e até uma rua» serve para mostrar o «que há para vender. A Coligação afirma mesmo, no comunicado que distribuiu à população, que «a não ser posto cobro a esta situação, os visitantes e habitantes da nossa vila deixarão de poder circular livremente nas ruas de Valença».

Naturalmente, ressalva a CDU, «não é por culpa dos comerciantes que as coisas estão assim». O problema é que «falta regulamentação e sua aplicação, cuja competência cabe à Câmara Municipal». Por isso, diz a Coligação Democrática Unitária, «a responsabilidade pelo caos, a anarquia e o mau aspecto na vila «cabe fundamentalmente à Câmara».

Um dia destes esteve lá o ministro das Obras Públicas. E, conta a CDU de Valença, «por orientação da Câmara foram retirados para os locais normais de exposição — montras, ombreiras e padieiras — os produtos expostos, para não parecer mal ao sr. ministro».

Um gesto bonito, sem dúvida. Mas que suscita à CDU algumas interrogações: «Por que é que a Câmara não segue diariamente estas determinações, em vez de ser só nas visitas de ministro? Por que é que a Câmara não enceta conversações com a Associação Comercial, para que se defenda a harmonia paisagística da vila e salvaguarde os interesses dos comerciantes?».

Comissão executiva



Na passada quinta-feira reuniu pela primeira vez a comissão executiva da coligação «Por Lisboa». A reunião realizou-se na sede do PS na Rua da Emenda e destinou-se a debater o funcionamento da comissão executiva, a distribuição de responsabilidades, a constituição de grupos de trabalho e a preparação da campanha eleitoral.

Na comissão executiva da coligação «Por Lisboa» fazem parte Gomes Mota (mandatário), Benard da Costa, Dias da Cunha, Helena Roseta e Vasco Lourenço (independentes, escolhidos por Jorge Sampaio uma vez obtido o consenso dos partidos), José Casanova, Antó-

nio Abreu, António Andréz e Luís Fernandes (em representação do PCP), Lopes Cardoso, António Costa, João Prouença e Sousa Nascimento (do PS), Maria Alfredo Cruz (MDP/CDE) e Isabel Castro («Os Verdes»).

Na reunião de dia 10 participaram os cabeças de lista para a Câmara e Assembleia municipais, Jorge Sampaio e José Saramago. Devido ao período de férias, alguns dos membros da comissão foram substituídos nesta reunião pelos membros suplentes.

A comissão executiva compete, conforme o acordo que está na base da formação da coligação «Por Lisboa», coordenar a campanha eleitoral e pré-eleitoral.

Nacional

Em defesa dos seus interesses

Fruticultores do Oeste dão exemplo de luta e firmeza

Caso as suas reclamações não sejam satisfeitas os fruticultores da região Oeste admitem prosseguir a realização de desfiles de tractores e outras máquinas agrícolas entre Óbidos e as Caldas da Rainha. Esta forma de luta, «ensaiada» já no final da passada semana com uma marcha que envolveu cerca de 200 tractores, representa na prática o completo entupi-



Faz hoje oito dias os fruticultores do Oeste evidenciaram a sua determinação bloqueando duas estradas que ligam Óbidos a Torres Vedras e a Peniche e uma linha férrea da região

mento das vias rodoviárias situadas entre aquelas duas localidades, uma vez que a marcha do desfile será feita a um quilómetro por hora.

Na origem desta movimentação dos agricultores está o seu desejo de verem concedidas facilidades ao escoamento da sua produção de pêssego, ameixa e pêra e, bem assim, um prazo de preparação para enfrentar a concorrência europeia, garantia de preço para a pêra rocha e a batata, créditos bonificados e suspensão de limites aos créditos à agricultura.

Alheamento quanto ao problema, numa primeira fase, posteriormente seguido da adopção de medidas consideradas claramente insuficientes, tal foi, entretanto, a resposta dada pelo Governo às reclamações dos fruticultores.

Inconformados com esta postura do Executivo, seria aliás este um dos motivos que acabou por dar um ainda maior impulso à unidade e firmeza dos agricultores, levando-os inclusivamente, faz hoje oito dias, a bloquearem duas estradas que ligam Óbidos a Torres Vedras e a Peniche e uma linha férrea da região.

Poucos elementos novos a todo este caso trouxe por sua vez a reunião efectuada entre a Pró-Associação de Agricul-

tores do Oeste e o secretário de Estado da Alimentação, Morais Cardoso, reunião que desde o início deste processo de luta constituía uma exigência dos agricultores.

No final do encontro, mantiveram-se no essencial as posições de ambas as partes, com os agricultores a

considerarem manifestamente insuficiente a prometida concessão de um subsídio à exportação de pêra rocha para países terceiros e o representante governamental a afirmar que «não se pode fazer mais» relativamente às medidas que o Ministério da Agricultura já accionara.

Expropriações no Baixo Mondego

Para realização de obras de fomento hidroagrícola (emparelamento), o Governo fez publicar no «Diário da República» uma declaração autorizando a expropriação de terras na região do Baixo Mondego. Numa nota distribuída na semana passada aos órgãos de comunicação social, o MARN-Beiras considera este procedimento do Executivo de Cavaco Silva como «uma atitude arbitrária, ditatorial» e «contrária aos interesses dos agricultores e da agricultura nacional».

«Os agricultores e as suas organizações» — lembra o Movimento dos Agricultores e Rendeiros do Norte/Beiras — «sempre procuraram o diálogo reclamando ao mesmo tempo que o Governo na to-

mada de decisões referente aos interesses dos agricultores devia ter em conta as suas opiniões, como parte directamente interessada e conhecedora dos problemas». O MARN-Beiras recorda, a propósito, que «existe inclusivamente uma lei que a isso obriga».

Contudo, «isso infelizmente não tem sido feito, e esta atitude intolerante é um exemplo acabado do desprezo pelos agricultores e suas opiniões por parte do Governo, além de ser um total desrespeito pelas leis em vigor». Por tudo isto, «o MARN-Beiras e os agricultores do Baixo Mondego condenam e repudiam esta atitude do Governo» — conclui a nota de imprensa.

Caixa Económica Faialense Lesados querem reaver as suas poupanças

Um grupo de emigrantes provenientes na sua maioria de França voltou a manifestar-se na passada semana em Lisboa em sinal de protesto pela ausência de apoio do Governo à resolução do grave problema criado pela falência da Caixa Económica Faialense.

Em causa está o reembolso de mais de um milhão e 500 mil contos, tal o valor aproximado das economias depositadas pelos nossos compatriotas naquela instituição bancária entretanto extinta.

Concentrados na Praça da Figueira, os emigrantes exigiram a pronta intervenção do Executivo neste processo, lembrando simultaneamente que a única solução aceitável terá de passar necessariamente pelo reembolso integral das poupanças depositadas e dos respectivos juros.

Fortemente criticado pelos emigrantes presentes na conferência de imprensa realizada após uma acção de protesto que os levou pelas ruas de Lisboa foi sobretudo a falta de apoio evidenciada pelas entidades responsáveis, tendo sido sublinhado a propósito o facto de não ter sido obtida até ao momento qualquer garantia por parte do Governo susceptível de abrir caminho à resolução do problema.

Um problema que, recorde-se, remonta a Agosto de 1986, altura em que ocorreu a falência e consequente extinção da CEF, tendo desde então originado variadíssimas movimentações por parte dos emigrantes lesados, com destaque para a concentração efectuada também em Lisboa, há cerca de um ano, manifestação pacífica que no entanto acabaria por ser vio-

lentamente reprimida pelas forças policiais.

Para os lesados, conforme foi assinalado, uma quota de responsabilidade pela situação criada não pode entretanto deixar de ser atribuída ao Banco Borges e Irmão porquanto foi esta instituição quem, depois de encerrar os

seus serviços em Nantes (França), recomendou aos emigrantes a Caixa Económica Faialense, para onde passaram a ser canalizadas as poupanças.

Os emigrantes, que após várias reuniões decidiram constituir uma Comissão de Defesa dos seus direitos, recordaram ainda no encontro com os jornalistas que os cofres onde eram guardadas as suas economias aos fins-de-semana estavam em casa de Diogo Lourenço, director em França da CEF e bem assim de outros funcionários, sendo o dinheiro posteriormente encaminhado para Portugal através dos proprie-

tários daquela Caixa privada, Duque Neto, João Calado Garcia e Vaz Serra Moura.

Motivo de estranheza para os membros da Comissão de Defesa dos credores lesados não deixa de ser igualmente o facto de os administradores da CEF, homens que já mantiveram funções de Estado, continuarem a exercer as suas actividades empresariais, mesmo depois de terem cometido as burlas de que os emigrantes foram vítimas, e sem que até agora tivessem sido incomodados pela Justiça.

Estão neste caso, conforme foi assinalado, Luís Morales, ex-ministro do Trabalho e

actual delegado do Governo para a Península de Setúbal; João Carlos Vaz Serra de Moura, ex-secretário de Estado no Ministério da Qualidade de Vida, actualmente a exercer funções no Tribunal de Apelação dos Automóveis de Desporto, sendo ainda membro do conselho da Ordem dos Advogados e do conselho económico da Associação Industrial Portuguesa; José Macedo e Cunha, ex-gestor das empresas Públicas RTP, EPNC e Jornal de Notícias e actual vice-presidente do Automóvel Clube de Portugal.

Na sequência de contactos directos com o Governo francês, a Comissão de Defesa

dos lesados, segundo foi dito, obteve entretanto a garantia de que os 910 mil francos apreendidos pela alfândega francesa em Julho de 86 serão transferidos para Portugal e postos à disposição da Comissão Liquidatária da CEF.

Tomando posição sobre este assunto também o PCP manifestou já por diversas ocasiões a sua solidariedade e apoio à luta dos nossos compatriotas lesados, tendo o caso sido objecto quer de um requerimento na Assembleia da República apresentado pelo deputado António Mota quer de uma pergunta escrita do deputado Barros Moura no Parlamento Europeu.



Considerando-se vítimas de uma burla, os emigrantes que confiaram as suas poupanças à Caixa Económica Faialense reclamam o reembolso das verbas depositadas e o valor dos juros a que inegavelmente têm direito



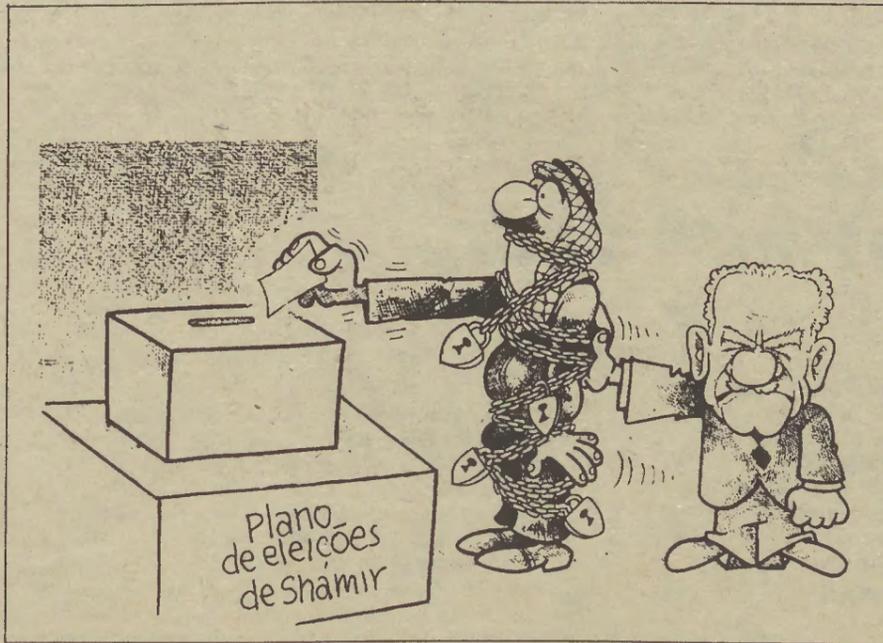
Internacional

Quinto Congresso da Fatah decide apoio a Arafat

Terminou na semana passada em Tunes o quinto Congresso da Al Fatah, principal componente da Organização de Libertação da Palestina, decorridos que foram nove anos após o congresso de Damasco. Competia aos delegados pronunciarem-se sobre a adopção de uma linguagem de paz, a criação de um Estado palestiniano junto a Israel e a renúncia a posições anteriores marcadamente extremistas. Em debate estava, portanto, a revogação das teses de Damasco que realçavam a supremacia da luta armada e opunham-se à implantação do povo palestiniano fora da Palestina.

Entretanto, como é do conhecimento geral da OLP na iniciativa de paz lançada pelo seu líder, Yasser Arafat, em finais do ano transacto, reconheceu as resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança da ONU, condenou o terrorismo e proclamou o seu Estado ao lado de Israel. Daí que neste congresso estavam em causa o apoio a Yasser Arafat e às duas propostas de solução do conflito no Oriente Próximo. Isto veio a acontecer quando a maioria dos mil delegados presentes aderiu às iniciativas de Arafat e reforçou o seu poder elegendo-o presidente do Comité Central do movimento, cargo até agora inexistente.

O quinto congresso da Fatah sublinhou no seu documento final «a importância histórica» das resoluções do Parlamento palestiniano, nomeadamente a declaração de independência que proclama o Estado da Palestina de paredes meias com Israel, pedindo ao Comité Central para trabalhar no sentido de concretizar estas resoluções, na base da realização dos direitos do povo palestiniano, particularmente no que respeita ao direito de regresso e ao estabelecimento de um Estado, tendo Jerusalém como capital.



Embora o texto não refira concretamente as resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança da ONU, afirma a adesão da Fatah «às resoluções da ONU que reconhecem os direitos nacionais inalienáveis do povo palestiniano. Por outro lado, a Fatah mostra o seu empenhamento na realização de uma conferência internacional sobre a paz no Médio Oriente, dotada, de poderes e a reunir no

quadro da legalidade internacional e supervisionada pelas Nações Unidas.

É ainda referido que nesta conferência participariam os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU e as partes em conflito, incluindo a OLP, em pé de igualdade. A Fatah apela neste sentido aos Estados Unidos para darem o seu acordo à convocação deste fórum internacional.

rael dos territórios palestinianos».

Por outro lado, o congresso apoiou a rejeição de Arafat da proposta de eleições nos territórios árabes ocupados, como previa Yitzhak Shamir, não aceitando a sua realização com a presença militar de Israel na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.

Para o Comité Central foram pela primeira vez eleitos representantes dos territórios

A resolução final recorda igualmente o direito dos povos sob ocupação a recorrerem a todas as formas de luta para libertar o seu território, e exorta as populações a intensificarem as suas acções de luta nas zonas ocupadas. Por fim o documento propõe neste contexto «a continuação da escalada da luta armada e de todas as outras formas de luta para pôr termo à ocupação por Is-

ocupados, tendo sido aumentado o seu número de membros de 15 para 21. Pela primeira vez também foi eleita uma mulher para aquele órgão.

De assinalar por último, a saída dos órgãos de direcção de representantes da chamada linha dura da organização, designadamente Rafih El Natchi, membro fundador da Fatah e, desde sempre, membro do Comité Central.

Questão dos reféns arrasta-se

A questão dos reféns parece não ter fim, sendo certo para já que a tentativa de Israel de pressionar os extremistas pró-iranianos a resolvê-la ao raptar a 28 do mês passado o xeque Abdel Karim Obeid, responsável do grupo Hezbollah, não veio mais do que a agudizar a situação, provocando de imediato como retaliação a morte do coronel dos «marines» norte-americanos William Higgins e ameaçando seriamente a vida dos outros cidadãos ocidentais nas mãos das organizações fundamentalistas.

Israel propunha trocar Obeid e os 450 prisioneiros árabes que tem em seu poder pelos três soldados israelitas e todos os reféns ocidentais. Moshe Arens, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, frisou no entanto que o seu gabinete decidira não libertar «os assassinos e terroristas» envolvidos em ataques anti-israelitas, o que excluía à partida a libertação de Abdel Hadi Guniem, autor de um atentado contra um autocarro da car-

reira Jerusalém-Tel Aviv, e cuja soltura era exigida num comunicado do Hezbollah. Para além disso, esta organização colocava como base para negociações a libertação imediata e incondicional de Abdel Obeid.

Entretanto, perante a ameaça de execução do segundo refém norte-americano detido no Líbano, Joseph Cicippio, os Estados Unidos a par de explorarem as vias diplomáticas possíveis, fazem desviar da rota pré-estabelecida mais de uma dezena de navios de guerra, entre eles três porta-aviões, com rumo às imediações da zona da crise. A hipótese de uma acção militar de retaliação acabou mais tarde por ser afastada devido à Organização da Justiça Revolucionária ter anunciado a suspensão da sentença de morte pronunciada contra Cicippio. A este facto não foram estranhos os esforços diplomáticos desenhados por vários países nomeadamente a União Soviética que, segundo anunciou o porta-voz oficial do Ministério

dos Negócios Estrangeiros, teria enviado um apelo ao governo de Israel, cujo conteúdo não divulgou, comentando apenas que «toda a crise começou a partir do rapto» do xeque. A URSS apelou na altura a todas as partes a darem prova de «sangue frio, contenção e boa vontade». Foi dito ainda que Moscovo estava «em contacto permanente com dirigentes de uma série de países da região, que podem, de uma maneira ou de outra, contribuir para vencer a crise».

O próprio Irão terá recuado nesta questão, alvo de pressões diplomáticas por parte de vários países e perante a poderosa manifestação de força preparada rapidamente pelos EUA, terá possivelmente contido os integristas xiitas, os quais subvencionam todos os anos com dezenas de milhões de dólares. A solução da crise passa deste modo pelo governo de Teerão, o qual chegou a oferecer a sua influência mediante o desbloqueamento dos bens

iranianos, estimados em três mil milhões de dólares, que estão congelados nos Estados Unidos. Contudo, esta proposta foi na semana passada rejeitada pela Casa Branca alegando que ligar a libertação dos reféns detidos no Líbano aos bens iranianos bloqueados nos EUA seria equivalente a «pagar uma caução» o que Washington sempre recusou. Para tentar mediar a crise, o enviado das Nações Unidas Marrak Gouling, deslocou-se ao Médio Oriente onde manteve um encontro com o ministro da Defesa israelita, Yitzak Rabin, a quem acabou por declarar que a ONU não irá negociar uma troca de prisioneiros. O enviado da ONU pediu ainda a Israel para libertar o xeque Obeid, cuja detenção precipitou a situação e neste momento é causa de um certo pessimismo quanto à libertação para breve dos 17 reféns ocidentais que, segundo o embaixador britânico no Líbano, Allan Ramsay, terão sido levados de Beirute para o vale de Bekaa, a leste da capital libanesa.

Reforçar a Federação Soviética

O CC do PCUS lançou na semana passada um apelo à elaboração de novos princípios para defender e reforçar a Federação Soviética, segundo declarou à imprensa Viktor Tchebrikov, membro do Bureau Político, durante a realização de uma reunião do Comité Central em que foi debatida a questão das nacionalidades. Entretanto milhares de soviéticos, na sua maioria não-estonianos, prosseguiram a greve em cerca de 30 empresas de Tallin e Kothlia-Larva, em sinal de protesto contra a adopção, pelo Soviète Supremo da República, de leis que consideram discriminatórias dos seus direitos, apesar do decreto do Soviète Supremo da URSS sobre a suspensão das greves enquanto não for aprovada a respectiva lei.

Os grevistas iniciaram igualmente a preparação de eleições para «estruturas alternativas de poder», visando nomeadamente a formação de soviets de deputados operários em empresas e locais de residência.

Cimeira de países da Linha da Frente

Os presidentes ou seus representantes de Angola, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwé, bem como o presidente da SWAPO e os secretários-gerais do ANC e OUA reuniram-se na passada quinta-feira, em Lusaka, para analisar a situação na região, nomeadamente o decurso da implementação da resolução 435/78 da ONU sobre a independência da Namíbia. Foram examinados os acordos de Gbadolite e os entraves que se verificam para a sua materialização, concretamente as violações do cessar-fogo por parte da Unita, sendo abordados os novos desenvolvimentos no processo de negociações, em que Mobuto é mediano. A cimeira apoiou ainda os esforços de Joaquim Chissano, que informou sobre os contactos entre religiosos moçambicanos e elementos da Renamo.

Chefes militares pedem asilo

Nove chefes militares «contras» pediram na semana passada asilo político aos Estados Unidos, certamente influenciados pelo plano para a sua desmobilização, acordado pelos cinco presidentes centro-americanos. Por sua vez, os EUA já satisfizeram três pedidos, enquanto os restantes estão a ser alvo de especial atenção por parte das autoridades norte-americanas.

Presidente Mobuto negocia paz para Angola

Nas consultas entre uma delegação governamental angolana e a Unita orientadas para encontrar as vias da consolidação do cessar-fogo entre as partes e da integração dos elementos da Unita na sociedade angolana, o presidente Mobuto Sese Seko voltou a insistir na necessidade de instalar três «antenas», ou seja, representações dos governos angolano, zairense e da Unita, para controlar a disposição dos armamentos e o fim das hostilidades em Luanda, Kinshasa e na Jamba.

A proposta, tendo sido aceite por Luanda, foi recusada pela Unita uma vez que não aceita a instalação de uma «antena» na Jamba, não se opondo contudo a que estas sejam instaladas nas duas capitais.

Missão militar no espaço

O vaivém norte-americano Columbia colocou quinta-feira passada o segundo satélite em órbita, com êxito, o qual é tido como um engenho sofisticado dotado de grandes capacidades de espionagem. A nave que regressou no domingo cumpriu desta vez uma missão exclusivamente militar.

Divergências mantêm-se nas conversações

Referindo os progressos feitos nos domínios balísticos intercontinentais móveis, Vadim Perfiliev, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, declarou que nesta sessão de negociações de Genebra mantiveram-se as divergências, sobretudo, no tocante à questão da guerra das estrelas. Perfiliev assinalou que a parte norte-americana «ainda não está preparada para examinar em profundidade todos os problemas que estão na ordem de trabalhos».

Internacional

Moçambique**V Congresso da Frelimo defende consenso nacional para a paz**

«Por um consenso nacional de normalização de vida» foi a palavra de ordem que presidiu ao relatório apresentado pelo presidente Joaquim Chissano ao V Congresso do Partido Frelimo, recentemente realizado em Maputo, num testemunho elucidativo das preocupações e aspirações do Partido e de todo o povo moçambicano.

Como seria de esperar, as consequências da guerra conduzida pelos bandidos armados da Renamo, com o apoio da África do Sul, dominaram grande parte da análise da situação interna constante do relatório do Comité Central da Frelimo, pormenorizado documento que Joaquim Chissano leu durante onze horas.

Setecentos mil mortos (vítimas directas do banditismo e da doença e da fome provocadas pela sua acção); um milhão e setecentos mil deslocados dentro do país; setecentos mil refugiados em países vizinhos; quinze mil milhões de dólares de prejuízos; cinco mil milhões de dívida externa, são números que testemunham com toda a crueza a gravíssima situação moçambicana e a necessidade urgente de encontrar soluções de paz fundamentais para o desenvolvimento e o progresso.

O realismo da análise e o empenhamento da Frelimo, em estreita aliança com as massas populares, na procura da paz, foram uma constante dos trabalhos do Congresso, como puderam testemunhar os camaradas Carlos Costa, membro do Secretariado e da Comissão Central de Controlo e Quadros e Domingos Lopes, membro suplente do Comité Central, que integraram a delegação do PCP à reunião magna da Frelimo.

Em conversa com o «Avante!» o camarada Carlos Costa salientaria de resto esse empenhamento, manifesto nas intervenções registadas ao longo dos sete dias de trabalho, bem como a democratização dos mesmos, já que nada parece ter ficado por dizer, desde o relato de experiências a críticas a medidas tomadas ou por tomar, sempre com o reafirmado objectivo de defender e prosseguir a opção socialista de futuro.

Um futuro que passa, naturalmente, pelo processo de pacificação não só interna mas de toda a África Austral, como também repetidamente foi afirmado, quer nas referências às relações com os países vizinhos, quer na importância da independência da Namíbia, quer ainda na necessária e inevitável liquidação do *apartheid* na África do Sul, fonte permanente de conflitos e confrontos em toda a região.

Que existem em Moçambique forças bastantes para desenvolver o país, sem o peso da guerra, demonstrou o camarada Joaquim Chissano, ao referir por um lado o crescimento do Partido e, por outro, as medidas tomadas para a reabilitação económica do país.

Segundo se afirma no relatório do Comité Central, entre 1983 e 1989 o número de membros do Partido cresceu

de 110 323 para 201 440, ou seja, um aumento de 82 por cento.

A política de recuperação económica (PRE), por seu turno, permitiu «bloquear a queda constante da economia e obter um crescimento global de 3,6 por cento já em 1987», seguindo-se um crescimento de 4,5 por cento em 1988, enquanto as estimativas do primeiro semestre deste ano apontam para um aumento de 4,5 por cento. Tendo como preocupações fundamentais «preservar o nível de vida e poder de compra dos trabalhadores, as conquistas sociais, impedir as acumulações ilícitas de riquezas, defender o

património socialista», o PRE permitiu já repor o abastecimento, designadamente na capital, ainda que a preços nem sempre convidativos.

Por outro lado, nos domínios da educação, da cultura, da assistência, da agricultura e da industrialização foram dados importantes passos durante a última década. Foi esse esforço de todo o povo, as suas realizações, que se tornaram «alvo do ataque terrorista de desestabilização a mando do estrangeiro». É esse esforço que importa recuperar e desenvolver, para o

que é indispensável pôr termo à guerra.

As negociações que neste momento decorrem na África Austral, com as iniciativas diplomáticas e as medidas políticas a sobreporem-se à força das armas, permitem acalentar esperanças para um futuro melhor em Moçambique. Para isso se prepara também a Frelimo, que neste V Congresso aumentou o número de membros do Comité Central de 130 para 160, tendo substituído cerca de 30 por cento dos anteriores elementos e renovando a Comissão Política.

Princípios para a paz

Pôr fim à guerra em Moçambique é uma prioridade para as autoridades do país, que não se têm poupado a esforços para o conseguir.

No decorrer de uma conferência de imprensa realizada em Maputo, durante os trabalhos do V Congresso do Partido Frelimo, o presidente Joaquim Chissano enunciou algumas das idelas e princípios avançados pelo Governo para servir de base a um diálogo para a paz. Reproduzimos em seguida as suas palavras, na certeza de contribuir para o esclarecimento das posições moçambicanas, alvo, em certa imprensa portuguesa, das mais variadas especulações.

«Estamos perante uma operação de desestabilização que não deve ser confundida com uma luta entre dois partidos. A operação tem sido realizada através de acções brutais de terrorismo que provocam sofrimentos imensos que incidem sobretudo sobre a população e a sua propriedade.

«Já foram mortas centenas de milhares de pessoas. «Muitas infra-estruturas económicas e sociais do país vêm sendo destruídas ou paralisadas impedindo a vida normal dos cidadãos e lançando milhares de pessoas na situação de deslocados.

«Trata-se de procurar pôr termo a esta situação de sumana.

«A primeira acção deve ser a paragem de todas as acções terroristas de banditismo.

«Trata-se em seguida de criar condições para a normalização da vida de todos os cidadãos moçambicanos, de forma a que todos possam por um lado participar na vida política, económica, social e cultural do país, e por outro lado na discussão e definição das políticas que conduzam o país em cada um destes aspectos (político, económico, social e cultural).

«Estas políticas são estabelecidas por consenso nacional formulado através dum processo de consulta e debate com as populações ou grupos sociais envolvidos. As principais leis relativas à terra, saúde, educação, foram aprovadas após consulta popular. A revisão da Constituição ainda em curso está sendo realizada através de debate que visa introduzir crescentes factores de participação democrática no funcionamento do Estado.

«As instituições religiosas estão a ser consultadas no processo de preparação da legislação sobre as liberdades religiosas.

«O diálogo tem como objectivo clarificar estas posições e dar garantias de participação para todos os indivíduos incluindo os até aí envolvidos em acções violentas de desestabilização.

«Essa participação e gozo de direitos refere-se desde logo aos processos que já estão em prática no que respeita à afirmação dos princípios definidos na Constituição quanto:

- à defesa das liberdades individuais e colectivas;
- à defesa dos Direitos Humanos;
- à defesa dos direitos democráticos.

«As liberdades individuais e liberdades sociais tais como a liberdade de culto, de expressão e de reunião são garantidas.

«Elas não devem ser utilizadas contra o interesse geral da Nação. Não podem ser utilizadas para destruir a unidade nacional, a independência nacional e a integridade das pessoas e bens. Não podem ser utilizadas para propagar o tribalismo, o racismo, o regionalismo ou qualquer forma de divisionismo ou sectarismo. Não podem ser utilizadas para a preparação ou perpetração de actos punidos por lei tais como roubo, assassinio, agressões.

«Não podem ser utilizadas para preparação ou perpetração de acções violentas contra o Estado e a Constituição, tais como movimentos secessionistas ou golpes de Estado.

«As mudanças ou revisões políticas ou constitucionais ou das principais leis do país onde em muitos casos já se realizou ou está em curso um debate ou consulta com cidadãos podem ser feitas e só podem ser feitas com ampla participação de todos os cidadãos.

«É inaceitável que um grupo utilize a intimidação ou violência para se impor ao conjunto da sociedade. É antidemocrático alterar ao sabor da violência de um grupo a Constituição e as leis principais do país.

«A normalização da vida e integração dos elementos até agora envolvidos em acções violentas de desestabilização implica de forma geral a sua participação na vida económica e social através das formas melhor adaptáveis e acordadas pelos próprios e garantidas pelo governo.

«A aceitação destas bases pode conduzir a um diálogo sobre as modalidades do fim da violência, estabelecimento da paz e da normalização da vida para todos no país.»

Visita ao Zimbabwé e à Tanzânia

No seu périplo africano os camaradas Carlos Costa e Domingos Lopes estiveram ainda no Zimbabwé, a convite da ZANU e na Tanzânia, a convite do Chama Cha Mapinduzi.

Nos dois países, a delegação do PCP teve oportunidade de contactar com alguns aspectos da respectiva vida interna, apreciar as iniciativas em curso para o desenvolvimento, manter conversações com os respectivos partidos e aprofundar as relações de amizade e cooperação.

Nesta primeira visita oficial ao Zimbabwé a delegação portuguesa teve encontros com o camarada Mutasa, do Bureau Político, secretário das Relações Externas do CC da ZANU e presidente do Parlamento, foi recebida por J. Nkomo e manteve conversações com o vice-ministro dos Assuntos Políticos, Charm Muchinguri. O processo em curso de integração da ZAPU no seio da ZANU, a participação activa no processo de paz na África Austral, com particular destaque para a Namíbia, foram alguns dos

temas abordados. O PCP e a ZANU decidiram ainda aprofundar as suas relações, tendo sido assinado um protocolo de acordo, a ratificar pelos dois partidos num futuro próximo.

Também na Tanzânia a delegação portuguesa foi recebida num ambiente de grande amizade pelos representantes do Chama Cha Mapinduzi, no poder, criado em 1977 a partir da união do TANU (União Nacional Africana do Tanganica) e do Afros-hirazé (do Zanzibar), tendo

mantido conversações com o brigadeiro Moses Nnauye, membro do Bureau Político e do secretariado daquele partido.

Na ocasião foi aprovada uma declaração conjunta em que se condena o papel desestabilizador da África do Sul na região e defende que só o desmantelamento do *apartheid* poderá garantir a paz e o progresso social e económico da região. Os dois partidos concordaram ainda em assinar um protocolo de cooperação futura.



«A realização da Conferência de Roma constituiu um grande êxito para a luta libertadora dos povos de Angola, Guiné e Moçambique e uma grave derrota para o governo colonialista de Marcelo Caetano.

Apesar das suas manobras e protestos, o governo teve de engolir a amarga pílula de ver efectuar-se esta Conferência na capital de um país membro da OTAN, ficando deste modo mais em evidência o isolamento internacional dos colonialistas portugueses. Este facto, que constitui só por si um importante revés político para o governo de Marcelo Caetano, transformou-se numa humilhação internacional com a audiência concedida posteriormente pelo Papa aos dirigentes do MPLA, PAIGC e FRELIMO, Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Marcelino dos Santos. Manifestando assim publicamente reconhecer esses dirigentes como representantes legítimos dos seus povos, o Papa desaprovou a política colonialista dos fascistas portugueses.

Os fascistas, que tentaram inicialmente diminuir o significado e o êxito da Conferência de Roma, denegrindo e caluniando os movimentos de libertação e os seus dirigentes, foram surpreendidos pela grande repercussão internacional destes factos. A censura impôs durante vários dias o mais completo silêncio aos órgãos de informação, enquanto o governo procurava nos bastidores uma saída airosa para o «escândalo» mundial provocado pelo gesto do Papa.

(...) Marcelo Caetano foi obrigado a contentar-se com a «Nota» explicativa do Vaticano que nada alterou ao fundo da questão, apressando-se a dar assim o caso como encerrado. Tudo se reduzia, afinal, segundo M. Caetano, a «um exagero de interpretação publicitária» e à ingenuidade do Papa...»

(«O colonialismo português no pelourinho internacional» — «Avante!», VI série, n.º 419, Agosto de 1970)



«Na 5.ª Conferência Internacional do Trabalho, realizada em Junho passado em Genebra, a Organização Internacional do Trabalho condenou Portugal pela «política de opressão colonial, de discriminação racial e de violação dos direitos sindicais» exercida em Angola, Guiné e Moçambique, pelos actos de repressão militar contra as populações daqueles países, «pela expulsão sistemática dos trabalhadores africanos das terras férteis para aí instalar colonos brancos» e por submeter os trabalhadores africanos a medidas discriminatórias em matéria fiscal, de emprego, de formação profissional, de previdência social e de alojamento.»

(«Denunciar os Crimes Coloniais» — «Avante!», VI Série, n.º 444, Agosto de 1972)

A festa!

LOURES • 8, 9 e 10 SETEMBRO

Avante!

Director
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 7
17 de Agosto de 1989
Não pode ser vendido
separadamente

A bateria da Escola de Samba da Portela na Festa do «Avante!»



**Meia centena
de percussionistas
e passistas
no Palco «25 de Abril»** ➔

A Festa do «Avante!» de 1989 irá ficar assinalada por um espectáculo ímpar: a actuação da bateria da Escola de Samba da Portela.

Trata-se de um conjunto de meia centena de percussionistas e passistas (os dançadores de samba) que constituem o núcleo da bateria de uma das mais antigas e prestigiadas escolas de samba do Rio de Janeiro.

Nos textos publicados neste número do «Avante!» surgem numerosos elementos sobre o que é uma escola de samba, o que é a sua bateria e as ligações entre outra das presenças já anunciadas para a Festa — o cantor e compositor Paulinho da Viola — e a Portela.

O som e os passos das baterias de escolas de samba constituem uma das mais poderosas manifestações da vitalidade da música brasileira e uma exuberante e irresistível afirmação da riqueza rítmica e coreográfica da música africana e das suas influências.

É importante sublinhar que a actuação da bateria da Portela na Festa constitui seguramente a mais rigorosa e autêntica presença do tipo já

ocorrida em Portugal. Na verdade, em diversas circunstâncias se têm apresentado entre nós conjuntos de percussionistas e passistas, mas sempre se tem tratado — com as naturais vacilações na qualidade e autenticidade — de agrupamentos constituídos ocasionalmente com vista a tourneés ou a solicitações contratuais por alturas do Carnaval.

Pelo contrário, o espectáculo da Festa será o do efectivo núcleo base de uma escola de samba existente e das mais conhecidas e influentes, resultado do apuramento produzido pelo trabalho constante e constantemente renovado.

Com as presenças deste ano, a Festa do «Avante!» reafirma-se como a mais significativa divulgadora do melhor património musical do Brasil em Portugal: aos nomes de Chico Buarque, Edu Lobo, MPB 4 e Simone (1980), Ivan Lins (1981), Baden Powell (1982), Elba Ramalho e Luís Gonzaga (1983), Alceu Valença (1984), Beth Carvalho (1986) e Gonzaguinha (1988) acrescentam-se agora Paulinho da Viola, Paulo Moura e a bateria da Escola de Samba da Portela. ■



Lan: «Vilma, porta
bandeira campeoníssima
da Portela»



Duda Guennes responde a três perguntas do «Avante!»

1. O que é uma escola de samba?
2. O que é a Escola de Samba da Portela?
3. O que é a bateria de uma escola de samba?



A primeira referência ao que se poderia chamar de Carnaval no Brasil data de 1786. Nesse ano, segundo Carlos Bandeira, uma festa carnavalesca foi organizada com o desfile de um préstito, pelo então tenente agregado, Antônio Francisco Soares. Escritores do século passado, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar, por exemplo, tratam dos festejos de momo como um acontecimento já integrado na vida carioca. A história do Carnaval brasileiro teve a sua origem no **entruado** português. Os **entruados** eram festas grotescas, onde as suas características mais brutais, como a água, a farinha, a fuligem e a goma que eram arremessadas nas pessoas, a partir do século XIX, foram cedendo lugar às laranjinhas de cheiro e às borrachas com água perfumada, precursoras da lança-perfume. Edgar de Alencar diz, no seu livro «O

Carnaval Carioca Através da Música», que a máscara carnavalesca chegou ao Rio de Janeiro em 1835, que na época era a capital e centro irradiador do comportamento urbano no que servia de modelo para o Carnaval de todo o Brasil.

O primeiro baile carnavalesco foi realizado no hotel Itália, no dia 22 de Janeiro de 1840. A música dançada nesses bailes era ainda importada, como a polca, a valsa, a quadrilha, e só posteriormente apareceram os xotes e os maxixes. Foram esses ritmos se fundindo com elementos brasileiros, principalmente de origem africana, daí aparecendo a estruturação da música autenticamente urbano-carioca. Registam os cronistas e historiadores, o aparecimento do cidadão português, José Nogueira de Azevedo Paredes, sapateiro, que, no ano de 1852, relembrando alguns costumes da sua terra, reuniu vários amigos para festejar o Carnaval,

formando um bloco, onde foi introduzido bombos e tambores. Estava criado o «Zé Pereira».

Partindo da introdução dos instrumentos de percussão no Carnaval, vários blocos se foram formando, desfilando todos ao som de bombos e tambores, nascendo assim o embrião das escolas de samba que a partir dos anos 40 deste século, veio a tornar-se o cartão de visita do Carnaval brasileiro.

As escolas de samba

Na década de 30, um novo género de música, o samba, faz a maior transformação do Carnaval carioca. Foi no largo do Estácio, geograficamente, reduto de todos os grandes compositores populares de então, que nasceu a **escola de samba**.

A primeira escola de samba, a **Deixa Falar**, fundada em 1928 por Ismael Silva,

Nilton Bastos, Baiaco, Brancura, Bidê e outros «bambas». A **Deixa Falar** teve vida curta. Em 1933 juntava-se ao **Bloco União das Cores**, dando origem ao **Bloco Carnavalesco União do Estácio de Sá**. Em 1929 apareceram mais escolas, a **Fique Firme**, **Estação Primeira da Mangueira**, **Vai Como Pode**. Nos anos seguintes surgiram **Portela**, **Salgueiro**, **Unidos de Lucas**, etc.

O primeiro desfile organizado de escola de samba aconteceu em 1932 e foi a grande novidade do Carnaval, já na famosa praça Onze.

Neste ano, dezanove escolas desfilaram, demonstrando assim a grande aceitação que viria a ter essa nova forma de desfile. E, no ano de 1935, foi regulamentado, oficialmente, o desfile das escolas de samba. Daí em diante, por determinação do governo Getúlio Vargas, os seus enredos teriam que falar sobre assuntos brasileiros.

O samba, desde que se organizou em



Lan: «Bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel sob a batuta de André»

escola, nos anos 20, o fez buscando ocupar um espaço que lhe era negado pela cultura dominante. Através da conquista desse espaço, o samba almejava propiciar a ascensão social de todo o universo que o produzia. E, dentro desse contexto, o anseio de todo compositor do «morro» era, evidentemente, chegar à rádio e ao disco.

Nos carnavais da década de 20, a pobreza e a malandragem cariocas reuniam-se na Praça Onze para sambar. Tratava-se de um contingente de mão-de-obra não qualificada, de reduzido nível de escolaridade e escassa oportunidade profissional, reunindo em torno do tema Carnaval, à margem da sociedade que o rejeita. Foi uma luta, uma longa luta, mas o samba venceu. Hoje, escola de samba é um fenómeno internacional que já transcendeu em muito o espaço geográfico e cultural brasileiro.

G.R.E.S. Portela

Da fusão de vários blocos que saíam de Oswaldo Cruz, bairro da zona norte carioca, surgiu em 1923 o **Bloco Vai Como Pode**. Em 1935, venceu o primeiro desfile oficial do Rio de Janeiro,



Os instrumentos da bateria de escola de samba

Os instrumentos de percussão que compõem uma bateria de escola de samba têm a natural e comum característica de serem portáteis e são no essencial:

- ★ o **surdo**: trata-se de um tambor alto (cerca de 70 cm de altura), percutido por uma única baqueta, pesada, com um som grave;
- ★ o **pandeiro**: é o instrumento quase emblemático do samba. No essencial, idêntico ao instrumento em Portugal designado por pandeireta, percutido com a mão;
- ★ o **réco réco**: idêntico ao instrumento existente em Portugal e conhecido pelo mesmo nome. Confeccionado em geral com um pedaço de cana da bambu de maior ou menor comprimento e no qual são feitos entalhes cuneiformes sobre os quais se faz passar ritmadamente uma baqueta;
- ★ o **ágôgô**: instrumento constituído por dois chocalhos, sem badalos, de tamanhos diferentes (donde, sonoridades diferentes), unidos nos topos por um ferro em forma de U flexível. O músico pega no ágôgô com uma mão que segura o U de ferro e percute os chocalhos com uma pequena baqueta, mas a mão que segura o instrumento tem um papel igualmente activo na execução, uma vez que, apertando o U flexível, pode fazer os chocalhos baterem um no outro (produzindo um som diferente do obtido com a baqueta) ou mantê-los encostados, modificando-lhes a sonoridade quando percutidos;
- ★ o **tamborim**: instrumento constituído por dois pequenos tambores (Cerca de 10-15 centímetros de diâmetro), apenas com uma pele e percutidos com uma baqueta. Tal como no ágôgô, a mão que segura o tamborim tem um papel activo ao tapar ou destapar a parte

adoptando então o nome de **Portela** e as cores azul e branco. Durante muito tempo a **Portela** foi uma das mais fortes concorrentes, vencendo 20 desfiles. Sendo que, de 1941 a 1947, a **Portela** venceu sete vezes consecutivas.

A **Portela** inovou a bateria acrescentando-lhe caixa-surda e reco-reco. E foi ainda por iniciativa de um dos seus fundadores, Paulo da Portela, que se adoptou o samba-enredo (1931) e se uniformizou a comissão de frente. No entanto, o maior orgulho da **Portela** é ter sido vencedora do desfile de 1953, com nota dez em todos os quesitos. Um feito que só iria ser conseguido pela escola de samba **Imperatriz Leopoldinense** no Carnaval deste ano, com o enredo «Liberdade, Liberdade, abra as asas sobre nós».

A bateria

A bateria da **Portela** tem uma marcação típica, três por três, com resposta dos surdos-médios fazendo o contraponto. A bateria é o coração da escola. É ela que determina o andamento, a cadência, a **pulsão** do desfile. E como cada coração bate de um jeito, é ela também o centro das mais acirradas discussões do mundo do samba, pois julgar uma bateria é difícil para leigos, segundo os entendidos, pois um ouvido acostumado ao ritmo é imprescindível. Actualmente, nas escolas do grupo I, a ala da bateria é composta por cerca de

150 a 350 **ritmistas**. E há que saber bater! Não dá para enganar.

Um **sambeiro** da Zona Sul, por exemplo, pode sair em qualquer ala, pode fingir que samba, mas jamais poderá simular um papel na bateria. Qualquer pessoa que pensa que tocar numa bateria é moleza, que experimente.

A bateria representa nas escolas o ponto máximo de beleza, de apoteose do próprio samba.

Há quem afirme que, de modo quase imperceptível (já que o ouvido do leigo raramente atenta para certas subtilezas rítmicas), a bateria é o elemento que mais se modificou ao longo da história das escolas.

Na história da bateria, a grande mudança foi a substituição do couro pelo acrílico, com vantagens e desvantagens. É evidente que o couro produz um som diferente do acrílico, que é mais metalizado, mais rápido, sem aquele som natural do couro que só existe nos surdos e nas caixas médias. Mas quando chovia, as peças em couro ficavam encharcadas e o som não era o mesmo. O acrílico, por outro lado, apresenta inegáveis vantagens: quando afina, não altera jamais; se molhar, não tem problema. Além disso, é altamente resistente, as batidas dos tamborins são como baquetas enormes de plástico e o som fica diferente. Tornou-se outra coisa, continua até bonito, mas a resposta do couro é inigualável.

O gigantismo actual das baterias é em

grande parte imposto pelas modificações surgidas nas escolas de samba em função do gigantismo do Carnaval carioca, do seu impacto turístico, etc. Aliás, este gigantismo é um dos aspectos que tem merecido críticas por parte de músicos e outros artistas brasileiros – entre os quais Paulinho da Viola – que consideram que o processo tem vindo a descaracterizar o carácter popular do samba e das escolas. Na verdade, três centenas de percussionistas só se justificam em termos cénicos, pelas necessidades espectaculares do desfile de entrudo que tem hoje por cenário o sambódromo do Rio. Originariamente e durante dezenas de anos as baterias contavam poucas dezenas de músicos, escolhidos por rigorosos critérios de qualidade: a histórica bateria da **Escola Mocidade Independente do Padre Miguel** – por muitos considerada como a melhor de sempre – teve durante anos apenas 27 integrantes. ■

■ Duda Guennes



Lan: «Delegado, mestre-sala da Estação Primeira da Mangueira»

Paulinho da Viola e a Portela

Paulinho da Viola tem uma ligação antiga à escola da Portela.

«Foi em Jacarépaguá – conta um dos seus biógrafos – que Paulinho da Viola entrou pela

primeira vez numa escola de samba, a União de Jacarépaguá. Começou a fazer contacto com grandes sambistas, como Catoni e Jorge Mexeu. E a compor os seus primeiros sambas para a escola. O primeiro foi «Pode ser ilusão», em 1962, que nunca chegou a ser gravado.

«No ano seguinte, Óscar Bigode, director da bateria da Portela, e primo de Paulinho, convidou-o a mudar de escola. Ele foi, e chegou lá num domingo. Bar do Nozinho, ponto de reunião de compositores de escola, cheio de nomes importantes: Casquinha, João da Gente, Zé Kéti, Jair do Cavaquinho. Óscar Bigode apresentou Paulinho à ala de compositores da Portela:

«– Esse aqui é o meu primo. Ele quer sair com vocês.

«Paulinho mostrou então “Recado”, um samba do qual só havia feito a primeira parte: “Leva um recado/ a quem me deu tanto dissabor/ diz que eu vivo bem melhor assim/ e que no passado fui um sofredor./ E hoje já não sou./ o que passou, passou.” Casquinha que estava prestando atenção, pediu para Paulinho repetir. E naquele momento mesmo nasceu a segunda parte: “Vai dizer à minha ex-amada/ que é feliz meu coração/ mas que nas minhas madrugadas/ eu não esqueço dela não”. Paulinho estava aprovado como compositor. E ganhara seu primeiro parceiro.»

Êxitos e arrufos

Em 1966 Paulinho obteria a consagração como compositor da Portela ao criar o samba enredo «Memórias de um soldado de milícias» com o qual a escola se sagrou campeã do Carnaval nesse ano. Mas, dois anos depois, as relações entre o músico e a escola viriam a esfriar! Tudo começou quando Hermínio Belo mostrou a Paulinho uma letra que fizera, «Sei lá Mangueira», homenagem à escola Estação Primeira de Mangueira, grande rival da Portela. Paulinho gostou da letra e compôs-lhe uma música com vista a um *show* que nunca viria a ser montado. Porém, sem dar conhecimento ao compositor, Hermínio Belo inscreveu a canção no IV Festival de Música Popular da Record, em S. Paulo. Paulinho tentou retirá-la, mas em vão.

Interpretada por Elza Soares, «Sei lá Mangueira» não ganhou o festival, mas provocou um início de Carnaval na plateia e agradou ao público de forma a justificar uma gravação que se viria a transformar no primeiro grande êxito de Paulinho!

Quem, evidentemente, não gostou da história foi o pessoal da Portela que não perdoou que um seu compositor fizesse sambas de elogio à Mangueira rival...

Reconciliação

A reconciliação viria um ano depois, em 1969, quando Paulinho compôs e gravou o que ainda continua a ser o seu maior êxito: «Foi um rio que passou em minha vida».

O primeiro verso encontrou-o Paulinho no livro de poemas «Por onde andou meu coração» de Maria Helena Cardoso: «Se um dia meu coração for

consultado...» E a partir daí veio a homenagem à Portela:

Se um dia
Meu coração for consultado
Para saber se andou errado
Será difícil negar...
Meu coração tem mania de amor
Amor não é fácil de achar
A marca dos meus desenganos
Ficou, ficou
Só um amor pode apagar!

Porém, aí, porém
Há um caso diferente
Que marcou num breve tempo
Meu coração para sempre
Era dia de Carnaval

Carregava uma tristeza
Não pensava em novo amor
Quando alguém que não me lembro
anunciou

Portela, Portela!
O samba trazendo alvorada
Meu coração conquistou
Ai minha Portela
Quando vi você passar...
Senti meu coração apressado
Todo meu corpo tomado
Minha alegria voltar
Não posso definir aquele azul
Não era do céu
Nem era do mar
Foi um rio que passou em minha vida
E meu coração se deixou levar.

O êxito de «Foi um rio que passou em minha vida» levou a que muitos outros intérpretes – Elizette Cardoso, Jair Rodrigues, Nelson Gonçalves – incluissem o samba no seu repertório. Mas, acima de tudo, a presença na gravação original de Paulinho da Viola de um coro especialmente formado por compositores e pastoras da Escola de Samba da Portela assinalaria uma reconciliação de que ainda hoje se fala! ■

O caricaturista

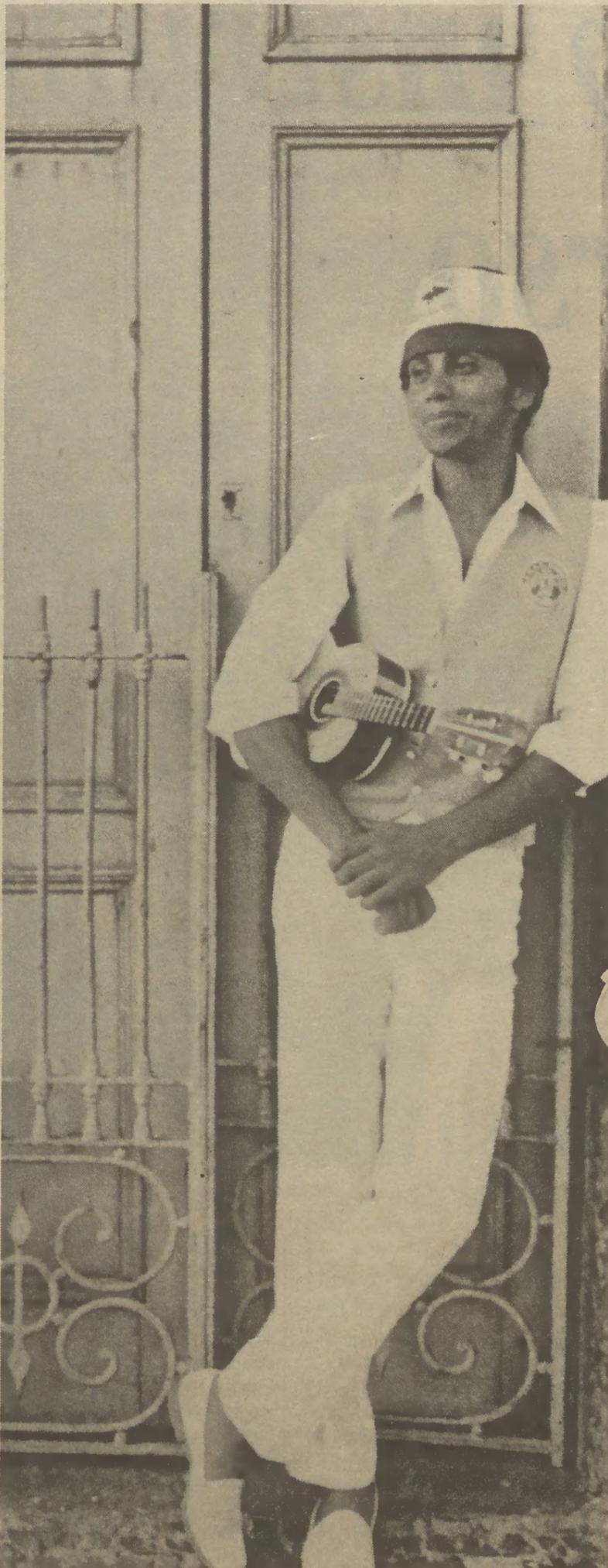
Os desenhos que ilustram estas páginas são da autoria de um portelense ferrenho, nascido em Monte Varchi, entre... Florença e Arezzo!

Trata-se de Lanfranco Aldo Riccardo Vasselli Cortellini Rosi Rosini, conhecido em todo o Rio de Janeiro de forma bem mais económica: Lan.

Lan é um dos caricaturistas mais famosos da imprensa brasileira, um carioca honorário cuja família começou por emigrar para a Argentina, fixando-se depois durante alguns anos em S. Paulo em cuja orquestra sinfónica o pai de Lan tocou oboé.

Apaixonado pelo samba e pelo Brasil, o desenhador acabou por se fixar no Rio. Em rigor, apresenta mais algumas razões para essa decisão: «Quando vi a mulher carioca, mandei uma carta desmanchando um noivado em Buenos Aires e fiquei...»

Os desenhos aqui apresentados fazem parte do álbum «É hoje» publicado o ano passado, dedicado ao Carnaval carioca e, segundo o autor, fruto da emoção de ter ouvido pela primeira vez a bateria da Portela e que o levou a decidir que o seu primeiro livro seria dedicado às escolas de samba ■



Paulinho da Viola no uniforme da Escola de Samba da Portela



Lan: «Fim de Carnaval»

Jazz na Festa (2)

Birelli Lagrene ou a guitarra como instrumento diverso

Felizes vão ficar os adeptos da guitarra quando descobrirem que, no programa deste ano da Festa do «Avante!», figura um nome francês — Bireli Lagrene

— um homem a contar já sete álbuns publicados, participações em espectáculos com gente distinta como Benny Carter, Benny Goodman, Jaco Pastorius, Pat Metheny e (inevitavelmente) John McLaughlin, Al DiMeola e Paco de Lucia... Querem saber mais deste jovem que no dia 4 de Setembro (alguns dias antes da «festa!») completa apenas 23 anos? Quem em 1982 viu «*Querelle*» de Rainer Fassbinder «esteve» com Lagrene: ele foi o autor da banda sonora desse filme, de resto publicada em disco, sob o nome «*First Tango*».

Considerado no início da sua carreira como o seguidor directo do estilo de improvisação de Django Reinhardt, Bireli, em artigo publicado no «*Dictionnaire du Jazz*», (Éditions Robert Laffont, S.A., Paris 1988) é descrito por Claude Oberg como um músico que nessa fase recriava o estilo de Django, restituindo a essa música um «jogo flamejante, feito de frases cinzeladas com um cintilante virtuosismo e expressas com um grande lirismo».

Mas a música de Bireli Lagrene evoluiu ao longo dos anos e enveredou por outros caminhos, à procura de novos horizontes, aqueles que estão abertos com as possibilidades transmitidas pela chamada música de fusão.

Ainda segundo Claude Oberg, o estilo de Lagrene modificou-se: «fraseado extremamente matizado, por vezes agressivo; sonoridades poderosas, fazendo também apelo aos efeitos da distorção».

Possibilidades abertas por um «virtuoso» que «descobre», para além da guitarra clássica (que nunca deixará de praticar), a guitarra sintetizada, a que se juntam numerosos acessórios electrónicos, de que Bireli Lagrene se revela um notável utilizador.



Um menino prodígio

Mas, note-se, estamos a falar de um «menino prodígio», que aos cinco anos começa os seus estudos de guitarra clássica com o pai, igualmente guitarrista, e que já dois anos depois improvisava ao estilo que de forma primeira o notabilizou — o estilo de Django Reinhardt. Em 1980 edita o seu primeiro álbum, significativamente intitulado «*Routes to Django*» e logo depois a crítica da especialidade coloca-

-lhe o «rótulo» de «digno sucessor» do seu mestre.

Lagrene percorre o circuito habitual dos clubes franceses, participa em emissões de rádio e televisão até que, depois de uma participação no Festival de Jazz de Francfort (1981), participa em digressões com John McLaughlin, Al DiMeola e Paco de Lucia.

Em 1982, Lagrene grava «*First Tango*», a banda sonora do filme «*Querelle*». Depois disso é figura de cartaz dos principais Festivais de Jazz europeus, visitando também com frequência os Estados Unidos (em 1984, em Nova

Iorque, ele encontra Larry Coryell e Vic Juris por ocasião de uma homenagem a Django), e prossegue uma carreira já considerada brilhante, ao longo da qual exerceu já a sua arte com, entre outros, Benny Carter, Benny Goodman, Stéphane Grappelli, Jaco Pastorius, Diz Disley, Pat Metheny, Victor Bailey e Paquito D'Rivera.

Uma diversidade de nomes a provar a diversidade técnica que compõe o talento de Bireli Lagrene, um nome a que muitos vão dar particular atenção na Quinta do Infantado, nos dias da próxima Festa do «Avante!». ■

Da Bulgária para «A Festa»: As vozes que chegam ao céu...

Também o encanto dos trajes tradicionais búlgaros vão fazer parte dos espectáculos da Festa do «Avante!»

Já deixou de ser «mistério» esse que o ano passado desvendámos em Portugal, trazendo à Festa do «Avante!»/88 o Conjunto Folclórico de Plovdiv, para explicar «Ao Vivo» por que é que o disco «Le mystère des voix bulgares» foi um êxito de *tops* em todo o mundo. Tatiana Sarbinka e Rumen Rodopski trazem, de novo até à Quinta do

Infantado, esse fascínio de um folclore nascido da vida e da história do povo de um país, fascínio de um folclore que mereceu o estudo cuidadoso de Bela Bártok – intrigado com a complexidade rítmica da estrutura das canções populares búlgaras – um fascínio que conquistou, nos dias de hoje, o mundo inteiro. Mas há ainda um «mistério» por

desvendar em relação a estas vozes búlgaras – como explicar o transbordar de sensações provocadas pela audição desta música? Talvez Tatiana Sarbinka e Rumen Rodopski o saibam explicar. Herdeiros das melodias transmitidas de mãe para filho ao longo dos tempos, nas montanhas de Rodopes e Pirin, Tatiana e Rumen são dois expoentes desta expressão musical. Ele vem a Portugal relembrar a sua recente digressão à Grã-Bretanha, onde os sucessivos êxitos em espectáculos se multiplicaram, perante um público a obrigar Rumen Rodopski a conceder consecutivos *encores*. Ela cantará no estilo característico da região de Pirin, em cujo conjunto estatal de canções e danças populares foi solista durante 10 anos. Tatiana Sarbinka conta gravados quatro singles e um LP.

estranho fascínio transmitido por estas vozes búlgaras – vozes que chegam ao céu, diríamos, já que o folclore búlgaro está representado num conjunto de materiais que navegam a bordo da nave Voyager, a percorrer o cosmos sem destino conhecido, para um dia encontrar vida inteligente... Rumen Rodopski e Tatiana Sarbinka vão estar nesta XIII edição da Festa do «Avante!», no pavilhão do seu país, mostrando o brilho dos seus trajes tradicionais búlgaros, entoando as melodias do seu povo. A não perder! ■



Vozes que chegam ao céu

Apesar dos seus percursos artísticos terem seguido caminhos diferentes, Rumen e Tatiana cantarão juntos na Festa do «Avante!», acompanhados por Serguei Stoinov, que vai tocar Tambuá; Gueorgui Petrov, em Gadulka; e Krastio Dimov, em Kaval e Gaita de Foles. A vinda a Portugal destes dois artistas, sucede numa altura em que Rumen Rodopski se prepara para lançar o seu segundo LP, gravado com outro dos grandes nomes do folclore búlgaro. Na Festa, vamos poder ouvir canções como «Valente Jovem Audaz» (a preferida de Rumen), ou as interpretações espectaculares de Tatiana para «Guigule, Guigu Iunateche» da região de Pirin ou «O ouriço vai casar» dos Chopes. Deixemo-nos pois encantar por este

Rumen Rodopski e Tatiana Sarbinka — dois expoentes de um Folclore que «conquistou» o mundo



Dreifuss: da RDA vêm vozes da Folk

A música popular norte-americana, por várias razões, influencia de forma decidida a produção da chamada «música de grande consumo» de outros países, através de recriações de géneros musicais nascidos no Novo Continente, como seriam o jazz, o rock ou mesmo as expressões mais enraizadas norte-americanas – a folk e o country. Tal não será novidade para ninguém, bastando para o confirmar ver a lista de bandas de folk e country que proliferam por essa Europa fora. Novidade será a presença na Festa do «Avante!» de um grupo da RDA, os Dreifuss, credenciado como um

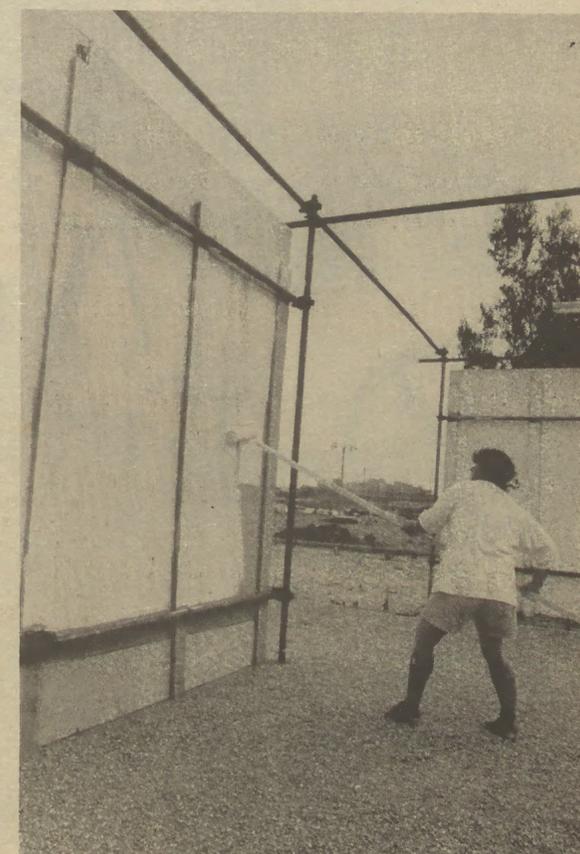
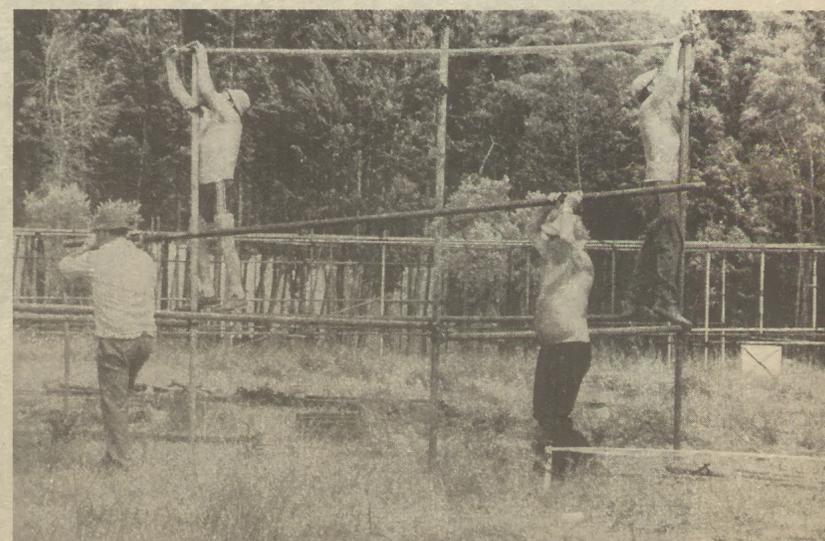
conjunto de elevada formação técnica e um repertório qualificado na área do «folk-rock». «Dreifuss» significa «Tripé do Sapateiro» e este nome foi escolhido para designar, em sentido figurado, os três estilos de onde os músicos desta formação provêm: música clássica, rock e canção ligeira. Guenter Scholze possui o curso da Escola Superior de Música «Franz Liszt» em guitarra eléctrica e canto. Wolfgang Bernewitz tem o curso de guitarra clássica e canto da mesma escola, e a elevada formação dos membros da banda estende-se mesmo ao engenheiro de som, Michael Zoepfel, possuidor também do

Curso Superior da Escola de Cinema e Televisão da RDA.

Pela primeira vez em Portugal

Para além das vozes e das guitarras, ao estilo da folk e do country, os «Dreifuss» fazem a fusão com o rock, utilizando também um computador de ritmo como apoio para algumas canções, algumas delas originais alemãs. Pela primeira vez em Portugal, para actuar na Festa do «Avante!», os Dreifuss foram considerados o grupo preferido do público, no Festival de

Música Ligeira «Kleiner Rathausmann», em 1982 em Dresden. Em 1986, a banda produziu com o compositor Arnold Fritsch dois títulos para a rádio da RDA, enquanto em termos de espectáculos estiveram já na Hungria, União Soviética, República Federal Alemã e em Alst, na festa do «Bandeira Vermelha», o órgão central do Partido Comunista Belga. Folk-rock na Festa do «Avante!»/89, com origem na RDA, uma curiosidade com possibilidades de se transformar numa boa surpresa para todos aqueles que desejem assistir ao espectáculo destes «Dreifuss», «O Tripé do Sapateiro». ■



A Festa em contagem decrescente Faltam três semanas e muito trabalho

Olha-se para o calendário – faltam três semanas.
Olha-se para o terreno – e deita-se mãos à obra.
Assim vai crescendo a Festa.

No passado fim-de-semana a mobilização para o trabalho foi maior que nos anteriores, com destaque para a Organização Regional de Setúbal, segundo os camaradas ligados ao trabalho de implantação no executivo da Festa.

No pavilhão central e na cidade internacional erguem-se estruturas metálicas, no palco 25 de Abril já se colocam madeiras, os painéis artísticos já começaram a ser pintados. Mas há ainda muito por fazer e todas as mãos são bem-vindas. Da Quinta do Infantado vai um apelo muito especial para os carpinteiros. Mas electricistas e costureiras também têm lá trabalho à espera. E há ainda a implantação da rede de

água e esgotos, que está a precisar de uma grande ajuda.

Transportes e acampamento

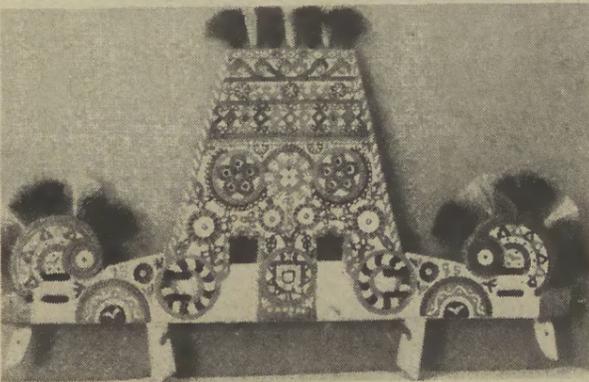
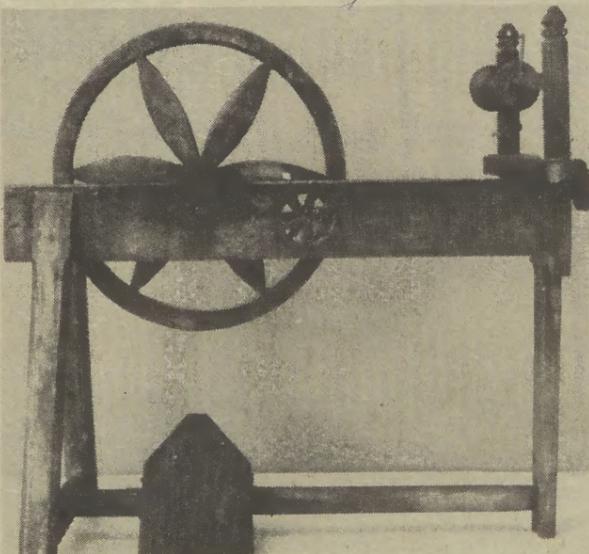
Aos sábados e domingos, como habitualmente, a Organização Regional de Lisboa mantém a carreira «Vitória-Festa»: um autocarro parte às 8 e 30 da Avenida da Liberdade para o Infantado e regressa à tarde.

Nas direcções regionais, nas comissões concelhias, nos centros de trabalho em geral e na JCP, como nos anos anteriores, organizam-se transportes para o terreno da Festa. É também aí que se organiza em ritmo crescente a deslocação para Loures dos camaradas e amigos que nesta altura se mudam para o acampamento ali instalado. ■



De longe a Festa surgia assim, na semana passada. Da direita para a esquerda, lá se vêem os estaleiros, a «casa cor-de-rosa», estruturas... Mas é muito mais bonita vista lá dentro, com os olhos de quem a faz, não é verdade?





Artesanato/ /Venda

Uma das grandes atracções de sempre na festa do «Avante!» tem sido o artesanato. Que o digam os visitantes de sempre, que ao longo do ano vão fazendo as suas economias para levar da festa uma recordação, ou uma colecção delas. O embaraço está na escolha. Porque de todo o País, trabalhados por verdadeiros artesãos segundo tradições imemoriais, vêm milhares de peças de quase tudo. Da cerâmica ao trabalho em madeira, dos couros aos vidros. Passando pela filigrana, pelos tecidos. Há também, não apenas para aguçar o apetite, mas sobretudo para mostrar como se faz originariamente aquilo a que se chama artesanato, artesãos a trabalhar — ao vivo! Aqui vão hoje alguns exemplos.

Porto

- Ourivesaria tradicional (filigranas de Gondomar)

Santarém

- Mantas e vestuário de Minde
- Frutos secos e derivados — Torres Novas

Minho

- Cerâmica, cestaria, linhos, mantas
- Bordados de Viana do Castelo, palmitos, madeiras, chapéus

Beira Interior

- Artesanato beirão
- Bordados de Castelo Branco
- Adufes de Idana-a-Nova
- Mantas de orelo de Cebolais de Cima
- Artesanato da serra da Estrela
- Típicos trajes regionais (séc. XIX) da região sul do distrito de Castelo Branco

Emigração

- Lenços palestinos

Coimbra

- Barros de Carapinhal, de Olho Marinho
- Trabalhos de latoaria
- Louça pintada de Soure
- Vergas de Arcozelo e de Vila Nova de Poiares

Algarve

- Artesanato regional, com as tradicionais empreitas e a louça de Almansil

Alentejo

- Artesanato da região, nomeadamente de Moura, Avis, Redondo, Évora e Estremoz

Setúbal

- Peles
- Cabedais
- Barros
- Instrumentos musicais

Leiria

- Vidros e cristais
- Barros das Caldas da Rainha, de Alcobaça e Bajouca

Beira Litoral

- Barros de Carapinhal
- Barros de Olho Marinho
- Latoaria de Soure
- Louça pintada de Soure
- Vergas de Autuzede
- Ovos moles
- Pão-de-ló de Ovar
- Pastéis de Águeda

Açores

- Apitos de barro
- Louça Lagoa
- Objectos de osso de baleia
- Cestos, chapéus
- Bordados

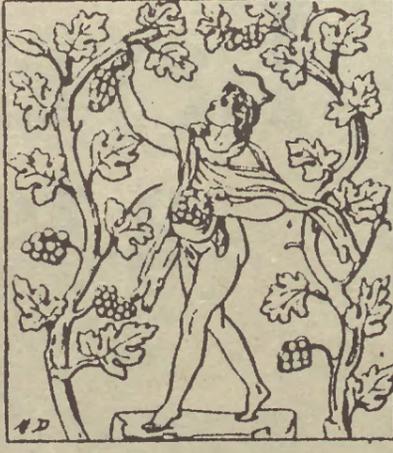
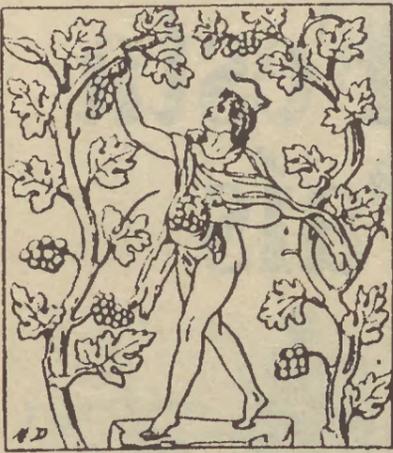
Madeira

- Vimes

JCP — Cidade da Juventude

- Artesanato urbano — Bijuterias
- Barros
- Cabedais





Vinhos/Venda

E pronto, já é uma tradição. Se os vinhos regionais são sempre uma atracção para os apreciadores que os encomendam a copo e ao jarro para regar uma refeição ou um petisco, agora já se instalou o uso da Feira de Vinhos. Onde se podem adquirir, engarrafados, vinhos de boa marca, de boa cepa e de boa fama. Aqui deixamos um vasto catálogo. É vinho de comprar e levar para casa. Para aqueles momentos em que... Enfim, para ficar na memória.

Beira Litoral

- Caves S. João
- Quinta da Lomba
- Cooperativa Vilarinho do Bairro
- Cooperativa da Mealhada

Açores

- Vinho Cavaco
- Vinho Verdelho
- Licor de Angélica
- Licor de Maracujá

Madeira

- Aguardente de cana
- Vinho da Madeira

Alentejo

- Vinho da UCP «Esquerda Vencerá» de Pias

Porto

- Vinho do Porto
- Licor monástico de Singeverga

Algarve

- Vinho de Tavira

Minho

- Vinho Verde

Beira Interior

- Vinhos do Fundão, Covilhã, Pinhel e Figueira de Castelo Rodrigo

Aveiro

- Vinhos das Caves de S. João
- Vinhos da Quinta da Lomba
- Vinhos das Cooperativas de Vilarinho do Bairro e da Mealhada

Viseu

- Colheita especial para a Festa do «Avante!» 89 da «Quinta do Soito»
- Vinho branco «Terras do Demo»
- Vinhos das Adegas Cooperativas e de Quintas do distrito, de reservas dos melhores e de vinhos premiados

Trás-os-Montes

- Moscatel de Favaio
- Vinhos da região demarcada do Douro



Iniciativa da Comissão Distrital de Viseu do Partido Comunista Português para a Festa do Avante! 1989

Vinho Tinto
DÃO
Produção Particular
1988 Santar

1,00,75

v/12,6

Na «Feira do Vinho» do Pavilhão de Viseu na Festa do «Avante!» 89, mais uma vez uma colheita especial para os visitantes da Festa

De todo o País, aí vem o vinho para a Festa...

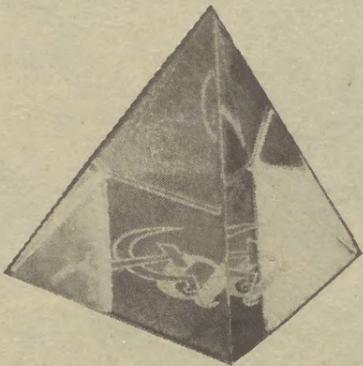
No capítulo das bebidas, e embora se fale aqui de vinhos, é bom salientar que nem só de vinho vive o homem. Também há sumos para matar a sede. E água!...



Levemos a Festa a todo o País



Pirâmides... da Marinha



Da Marinha Grande, capital do vidro, para a Festa do «Avante!» de 1989 vêm muitas pirâmides de cristal como esta, uma ideia bonita e original para enriquecer aquela colecção de recordações que o visitante já começou desde os tempos da FIL, em 1976, ou apenas um pisa-papéis a lembrar os bons momentos de uma primeira visita, em 1989. ■



Tão importante como proceder à implantação da Festa no terreno é promover a sua divulgação à escala nacional.

Com comprovado empenho, a essa tarefa se têm entregue as organizações e militantes comunistas, socorrendo-se para o efeito das mais variadas formas e meios em ordens a um grande objectivo; levar ao conhecimento dos portugueses a data e o local do acontecimento reconhecidamente considerado como aquele que marca com indelével grandeza o calendário político-cultural do País.

Colagem de cartazes, faixas, pendões, murais, pichagens, distribuição de prospectos, bancas e carros sonoros têm sido algumas dessas formas utilizadas com sabedoria e engenho para levar aos portugueses, num tempo que é para a grande maioria de férias e de merecido descanso, o anúncio da Festa do «Avante!».

À nossa redacção, continuam a chegar informações dando conta deste trabalho, criador em muitos casos, empenhado e militante quase sempre. Dele nos falam neste número os camaradas do distrito de Lisboa, que não pouparam esforços entre os dias 1 e 11 p.p. para levar às populações dos concelhos periféricos da capital notícias sobre o evento com encontro marcado para Loures em 8, 9 e 10 próximos.

Ao que nos contaram, o esforço valeu a pena, opinião que resulta em larga medida do facto de em todas as terras percorridas (Oeiras, Santo Amaro de Oeiras, Cacém, Sintra, Praia das Maças, S. João das Lampas, Amadora, Mafra, Ericeira, Torres Vedras, Carcavelos e Cascais) ter sido possível chegar a um elevado número de pessoas, facto só superado pelo bom acolhimento entretanto registado.

Até às vésperas da Festa, garantem-nos, vão continuar! ■



As regras



Ele há jogos que têm de ser levados a sério. Queremos dizer com isto que os diversos torneios que a Festa do «Avante!» vai organizar têm «os seus quês», isto é, as suas regras. Aqui se publicam os regulamentos dos torneios de Damas e das diversas modalidades de Chinquilho, destinados a todos os interessados, chamando a atenção para o facto de as inscrições para o torneio de Damas terminarem às 14 horas do dia 9 de Setembro (ou pelo correio até ao dia 4 de Setembro), enquanto nos torneios de Chinquilho as equipas e os jogadores apurados pelas diversas Organizações Regionais, que localmente organizarão torneios, deverão comunicar à organização os apuramentos feitos, até ao dia 1 de Setembro.

Damas: torneio em sistema suíço

REGULAMENTO

- 1.º - Este torneio será disputado em sistema suíço, de cinco sessões.
- 2.º - Cada sessão corresponde a uma partida de 4 jogos de abertura livre.
- 3.º - É obrigatório o uso de relógio, tendo cada jogador 45 minutos de reflexão para cada partida.
- 4.º - No início de cada partida far-se-á o sorteio das cores, para ver quem joga com pretas ou brancas.
- 5.º - Será eliminado quem faltar a uma sessão.
- 6.º - Depois dos relógios postos a funcionar, haverá uma tolerância de 30 minutos; passados estes é considerada falta de comparência.
- 7.º - Os emparecimentos serão feitos segundo o regulamento do sistema suíço.
- 8.º - Nos casos de empate na pontuação final aplicar-se-á o sistema Bucholz.
- 9.º - Se o sistema Bucholz não desempatar

jogar-se-ão dois (2) jogos, em abertura sorteada, com o tempo de reflexão de 15 minutos para cada jogador.

10.º - Se o empate persistir jogar-se-á outro jogo em abertura livre, ganhando aquele que demorar menos tempo.

11.º - Em todos os casos devem cumprir-se as regras oficiais do jogo de damas, adoptadas pela Federação Portuguesa de Damas.

12.º - Todos os casos omissos serão resolvidos pela Direcção do torneio.

13.º - Serão atribuídos prémios a todos os participantes e as inscrições são gratuitas.

14.º - São directores do Torneio: - Malagueta Simão e M. Diniz Vaz.

15.º - As inscrições são feitas no Pavilhão das Damas da Festa do «Avante!» até às 14 horas do dia 9 de Setembro de 1989, ou pelo correio, até ao dia 4 de Setembro para : «Torneio de Damas da Festa do «Avante!» Av. António Serpa, 26, 2.º Esq.º 1000 Lisboa» ■



dos Jogos

Chinquilho malha grande

REGULAMENTO

- 1.º - O Jogo de Chinquilho Malha Grande consiste no lançamento de uma malha, com o objectivo de derrubar um pau.
- 2.º - Os jogadores devem efectuar o lançamento, obrigatório com um pé sobre o tabuleiro, para trás da linha de trajectória definida pela ecliz.
- 3.º - A distância de pau a pau é de 10 metros.
- 4.º - Os paus encontram-se situados sobre um tabuleiro com 40 cm de largura por 60 cm de comprimento.
- 5.º - O pau tem uma altura variável entre 5 e 7 cm.
- 6.º - A localização do pau é de 22 cm da ecliz.
- 7.º - A ecliz é uma barra com 40 cm de comprimento por 6 cm de largura, situada na frente do tabuleiro. Esta não pode ser pisada pelo jogador.
- 8.º - A malha não tem medida nem pesos fixos. Variando consoante a vontade dos jogadores, normalmente oscila entre os 2 kg e 5 kg.
- 9.º - O campo tem um comprimento de 18 metros por 4 metros de largura.
- 10.º - Cada linha é composta por 6 jogadores e 3 suplentes.
- 11.º - Cada encontro tem a duração de uma hora.
- 12.º - Vence o encontro a equipa que completar primeiro 24.

- 13.º - Os pontos são contados pelo derrube de paus. Cada derrube equivale a 2 pontos.
- 14.º - Marca igualmente um ponto a malha do jogador que ficar situada mais perto do pau.
- 15.º - As malhas dos jogadores da mesma equipa, situadas logo a seguir àquela que marcou ponto serão beneficiadas, igualmente por um ponto.
- 16.º - Se a malha situada em 2.º lugar for da equipa adversária, não marca ponto, mas corta o ponto das restantes malhas.
- 17.º - MALHA CORRIDA: consiste numa prova, individual, na qual cada jogador tem direito a efectuar 6 lançamentos.
- 18.º - Será vencedor o jogador que derrubar maior número de vezes o pau.
- 19.º - Nos torneios há dois prémios:
 - para a melhor equipa
 - para o melhor jogador.
- 20.º - Problemas omissos neste regulamento, serão resolvidos por um Conselho Técnico, formado por um elemento de cada linha e um elemento da Comissão Nacional do Programa Desportivo da Festa do «Avante!» 1989.
- 21.º - Serão realizados Torneios Regionais a cargo de cada Organização Regional.
- 22.º - Cada Organização Regional apura as equipas para o Torneio final a realizar na Festa do «Avante!».
- 23.º - As Organizações Regionais deverão comunicar até 1 de Setembro o número de linhas (equipas) apuradas. ■



Chinquilho malha pequena

REGULAMENTO

- 1.º O Jogo de Chinquilho Malha Pequena consiste no lançamento de uma malha, com o objectivo de derrubar um pau.
- 2.º Os jogadores devem efectuar o lançamento no espaço, atrás da linha imaginária traçada no prolongamento da ecliz.
- 3.º A distância de pau a pau é de 7,20 metros.
- 4.º Os paus encontram-se situados sobre um tabuleiro com 25 cm de largura por 50 cm de comprimento.
- 5.º O pau tem uma altura de cerca de 4,5 cm.
- 6.º A localização do pau é ao centro dos tabuleiros.
- 7.º A malha embora não tenha um peso fixo, porque varia devido ao material que a compõe, tem medidas obrigatórias: 53 mm de diâmetro por 13 mm de altura.
- 8.º A ecliz é uma barra situada na frente do tabuleiro, com 25 cm de comprimento e 5 cm de largura. Esta não deve ser pisada pelos jogadores.
- 9.º O campo tem um comprimento de 12 metros, por 4 metros de largura.
- 10.º Cada linha é composta por 6 jogadores.
- 11.º Cada encontro tem a duração de hora e meia.
- 12.º Vence o encontro a equipa que ganhar mais partidas, durante o tempo limite do jogo.
- 13.º Os pontos são contados pelo derrube de

- paus, só contando os derrubes efectuados pela frente.
- 14.º Cada derrube equivale a dois pontos. Marca igualmente, um ponto a malha do jogador que fica mais perto do pau.
- 15.º As malhas dos jogadores da mesma equipa, situadas logo a seguir àquela que marcou ponto, serão beneficiadas, igualmente por 1 ponto.
- 16.º Se a malha situada no 2.º lugar for da equipa adversária, não marca ponto, mas corta o ponto das restantes malhas.
- 17.º MALHA CORRIDA: consiste numa prova, individual, na qual cada jogador tem direito a efectuar 6 lançamentos.
- 18.º Será vencedor o jogador que derrube maior número de vezes o pau.
- 19.º Nos torneios há dois prémios:
 - para a melhor linha
 - para o melhor jogador.
- 20.º Problemas omissos neste Regulamento, serão resolvidos por um Conselho Técnico formado por um elemento de cada linha e um elemento da Comissão Nacional do Programa Desportivo da Festa do «Avante!» 1989.
- 21.º Serão realizados Torneios Regionais a cargo de cada Organização Regional.
- 22.º Cada Organização Regional, apura as equipas para o Torneio final, a realizar na Festa do «Avante!».
- 23.º As Organizações Regionais deverão comunicar até 1 de Setembro o número de linhas (equipas) apuradas. ■

Também a Conquilha

REGULAMENTO

- 1.º O Jogo do CHINQUILHO-MALHA CORRIDA consiste no lançamento de uma malha, com o objectivo de derrubar um pau, fazendo-a deslizar (ou «correr») ao longo de uma pista plana em cimento.
- 2.º A distância de pau a pau é de 18 metros. A pista deve medir 20 metros de comprimento e 0,30 metros de largura e, ainda, uma zona de protecção de 1,5 m em cada topo.
- 3.º Os paus, com 15 cms de comprimento encontram-se situados numa zona de pontuação. Essa zona mede 0,80 metros encontrando-se o pau rigorosamente a meio dessa distância.
- 4.º A malha, de peso e dimensões variáveis, deve, contudo, ter o formato de uma colote esférica.

- 5.º Cada «linha» é composta por 5 jogadores titulares e 2 suplentes.
- 6.º O jogo, sem limite de tempo, termina aos 24 pontos.
- 7.º No jogo por equipas cada derrube vale 1 ponto e por cada malha situada na zona de pontuação 2 pontos.
- 8.º No jogo individual cada derrube vale 2 pontos e por cada malha situada na zona de pontuação 4 pontos.
- 9.º No Torneio haverá três prémios para o jogo por equipas e um prémio para o vencedor da competição individual.
- 10.º Serão realizados Torneios regionais de apuramento a organizar por cada Organização Regional.
- 11.º Problemas omissos neste Regulamento serão resolvidos por um Conselho Técnico, formado por um elemento de cada linha e um elemento da Comissão do Programa Desportivo da Festa do «Avante!» 1989. ■

Assinalando o centenário de Charlot Humor em força no café-concerto



No ano do centenário do nascimento de Charles Chaplin, o humor e os humoristas vão estar em força no café-concerto, que funcionará no espaço da Organização Regional de Lisboa. Para rir... a sério! Alguns dos mais conceituados nomes do teatro garantiram já a sua presença num debate sobre o humor no palco. Ali estarão, entre outros, Francisco Nicholson, Nicolau Breyner, Rui Mendes, José Viana, Augusto Sobral, Linda Silva, Morais e Castro. Isto será no sábado, a partir das 22 horas. Raul

Solnado, que já assegurara também a sua participação, não poderá estar presente, uma vez que nessa altura se encontrará no Brasil.

Além deste debate, envolvendo sobretudo artistas, preparam-se mais dois colóquios. Um reunirá, na sexta-feira à noite (20 horas) figuras da literatura de humor. Para domingo prevê-se um interessante encontro de cartoonistas.

Em preparação está também uma colectânea de desenhos de Mart (João Martins), integrada numa homenagem ao criador do «Zé Ferrugem».

Na banca do café-concerto estarão também à venda outros motivos de humor e um poster de Chaplin. Também para o café-concerto da ORL, José Viana está a preparar um espectáculo humorístico, igualmente a propósito dos cem anos de Charlot.

Música e pantomina

Mas no café-concerto haverá ainda, pelo menos, mais dois bons motivos de

atração: a música e a pantomina. No sábado, depois do debate sobre humor no palco, actuará o «Deutsches Theater», grupo de pantomina da RDA que se desloca a Portugal especialmente para participar na Festa do «Avante!».

De tarde — boa altura para disfrutar as frescuras do bar — actua no café-concerto o Quarteto de Swing de Praga, banda checoslovaca de que falámos a semana passada nestas páginas.

Sexta-feira, a abrir, vem a música cigana da Hungria (o grupo Rajko) e o folk dos Dreyfus (da RDA). ■



Morais e Castro, Francisco Nicholson, José Viana, Rui Mendes e Nicolau Breyner (nas fotos), Linda Silva, Augusto Sobral e outros nomes do teatro confirmaram já a sua presença na Festa, no café-concerto

Agenda

Avante!

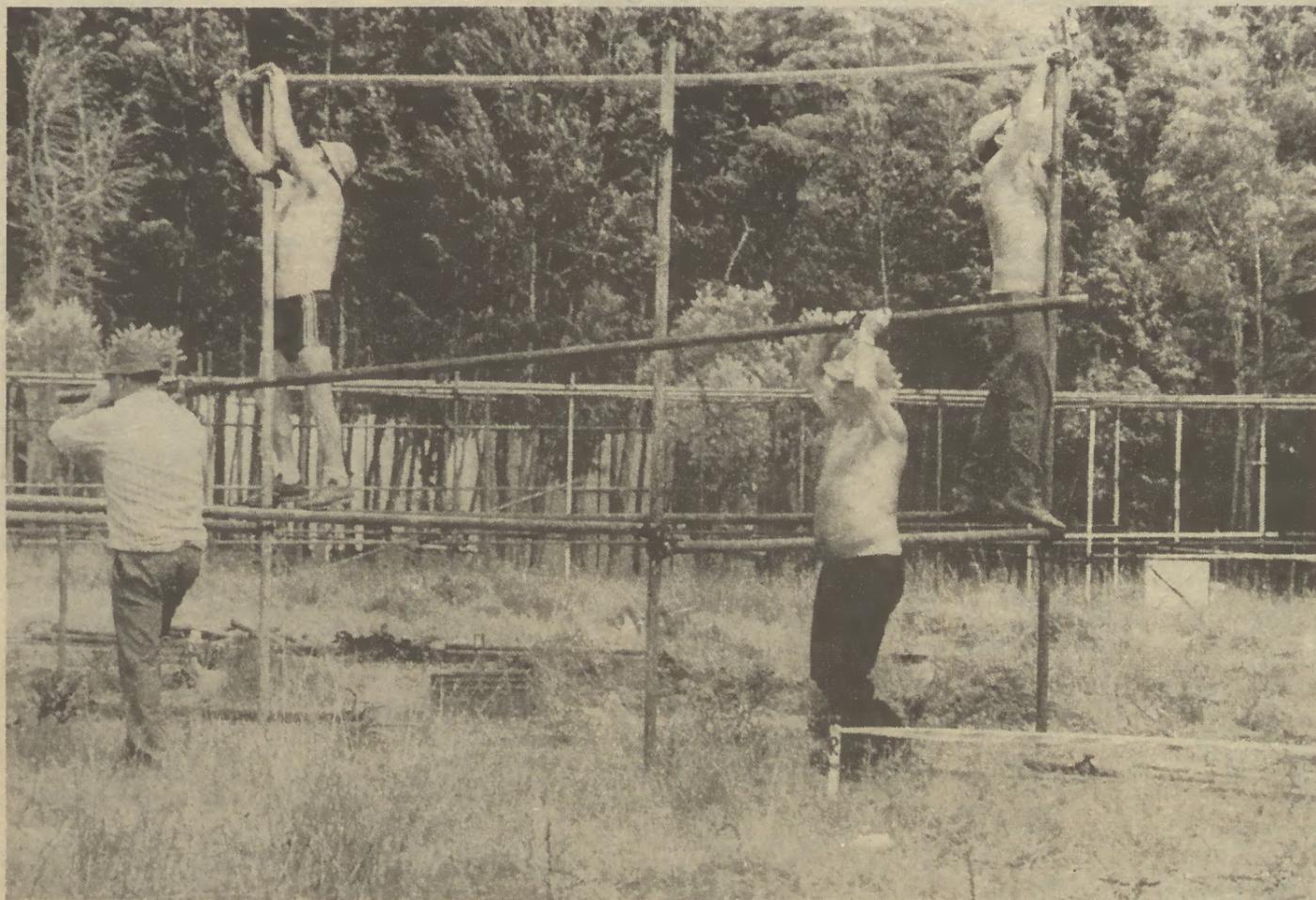
Ano 59 — Série VII
N.º 816

17 de Agosto de 1989

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Faltam três semanas e muito trabalho

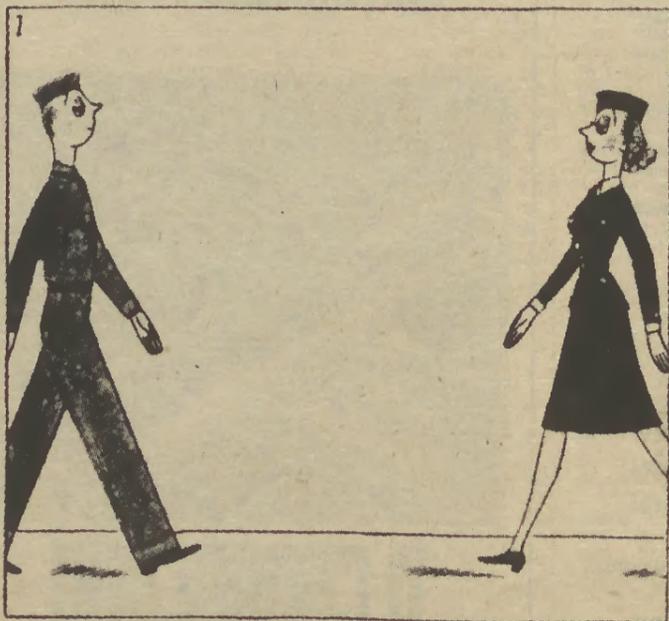


Plenários da organização

Amanhã, sexta-feira, realizam-se no **Estoril** e em **Alcabideche** plenários das organizações locais do Partido — o primeiro no Centro de Trabalho de Cascais, às 17.00, o segundo no Centro de Trabalho de Alcabideche a partir das 21.00.



A organização de **S. Domingos de Rana**, por sua vez, reúne-se em plenário no sábado, às 21.30, no Centro de Trabalho de Tires.



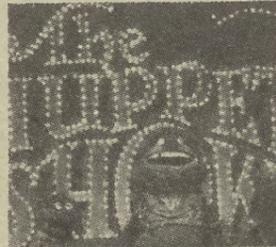
TV O Programa



Quinta

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Amor com Amor se Paga (15.º epis.)
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.40 - Um Anjo na Terra
- 14.15 - O Jardim Encantado de Tom (3.º epis.)
- 14.40 - Rios de Portugal (2.º prog.)
- 15.05 - Huey Lewis Band The News
- 16.00 - América Selvagem
- 16.30 - Ponto por Ponto



- 17.15 - Brinca Brincando
- 18.25 - Quando as Mulheres Triunfam (5.º epis.)
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando (107.º epis.)
- 21.15 - Anjos em Fúria (II) (últ. eps.)
- 22.15 - Concurso Miss Universo
- 23.15 - Portugal está a Mudar (4.º prog.)
- 23.45 - 24 Horas
- 00.15 - Remate

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - O Grande Sertão: Veredas (repetição, 19.º epis.)
- 16.30 - Quem Sai aos Seus...
- 16.55 - Sinhá Moça (128.º epis.)
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - TV 101 (14.º epis.)
- 19.00 - Music Box
- 19.55 - Os Intocáveis
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Maude
- 21.55 - Desgarradas
- 22.55 - Hitchcock Apresenta...

Sexta

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Às Dez

- 12.15 - Amor com Amor se Paga
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Gloss (9.º epis.)
- 14.25 - Imagem e Imagens
- 14.50 - Shakatk
- 15.40 - América Selvagem
- 16.00 - Festas da Sr.ª da Agonia
- 17.00 - Ponto por Ponto
- 17.50 - Brinca Brincando
- 18.25 - Quando as Mulheres Triunfam (últ. epis.)
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando
- 21.10 - Telemundo
- 21.40 - Jogos Sem Fronteiras
- 23.25 - 24 Horas
- 23.55 - Remate
- 00.15 - Pela Noite Dentro. «O Atentado ao Papa» (1.ª parte), real. Giuseppe Find (Itália/1985, 158 min)

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Agora, Escolha
- 16.55 - Sinhá Moça
- 17.30 - Giramundo
- 18.00 - A Lenda da Maçã Dourada (conto tradicional jugoslavo)
- 19.00 - Haja Música
- 19.55 - Os Intocáveis
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - O Estouro (série, 2.º epis.)
- 22.20 - Venha a Nós o Vosso Reino... (1.ª parte)
- 23.20 - Entre Barreiras
- 23.45 - Rotações

Sábado

RTP1

- 10.00 - Juventude e Família (Desporto e Ciência, Era uma Vez a Vida, O Safari do João Valentão, Cervos e Gamos, As Aventuras de Teddy Ruxpin, Get Smart)
- 12.30 - Trânsito
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - A Tribo das Penas Brancas (3.º epis.)
- 14.05 - Sessão da Tarde «Vitória do Amor», real. Larry Peere (EUA/1985, 97 min.)
- 16.00 - Festas da Sr.ª da Agonia
- 17.40 - Crime, Disse Ela
- 18.25 - Vivamúsica
- 19.10 - Sete Folhas
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado
- 21.35 - Sabadabadu (reposição, 4.º prog.)
- 22.35 - As Noites Revolucionárias (6.º epis.)
- 23.20 - Cinema da Meia Noite «O Atentado ao Papa» (2.ª parte)

RTP2

- 10.00 - A Malta de Bronx (17.º epis.)
- 10.50 - A Guerra de Tróia (3.º epis.)
- 11.45 - Director de Turma (2.º epis.)
- 12.10 - Compacto «Amor com Amor se Paga»
- 16.00 - Estádio
- 19.30 - Quem Sai aos Seus
- 19.55 - Music Box
- 20.50 - Arquitectura Industrial (série, 1.º epis.)
- 21.50 - Estádio (inclui basquetebol internacional)

Domingo

RTP1

- 10.00 - Juventude e Família
- 11.15 - Missa
- 12.05 - 70x7
- 12.30 - TV Rural
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Portugal de Faca e Garfo
- 13.55 - Folclore
- 14.30 - Terra X
- 15.15 - Primeira Matinée «... E o Sol Também Brilha», real. Henry King (EUA/1957, 126 min)
- 17.25 - Jogos de Verão
- 19.00 - Maniacos do Desporto (2.º epis.)
- 20.00 - Jornal de Domingo
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.35 - Saudação a Alfred Jarry
- 21.15 - Crime à Portuguesa (4.º epis.)
- 22.10 - Domingo Desportivo

RTP2

- 10.00 - Troféu
- 13.00 - Caminhos
- 13.30 - Outras Terras, Outras Gentes (série, 1.º epis.)
- 13.55 - Veterinário da Província
- 14.40 - Music Box (Elvis Presley)
- 19.00 - Sobrevivência (2.º epis.)
- 19.50 - 17 Obras de Grandes Autores
- 20.40 - Lusitânia Expresso
- 21.05 - Artes e Letras «Hemingway» (3.º prog.)
- 22.10 - Cineclubes. Ciclo F.W. Murnau: «Rapariga da Cidade» (EUA/1930, 75 min)

Segunda

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Amor com Amor se Paga
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - A Rota de Howard

- 14.15 - A Brigada Falcão
- 14.40 - Os que não voltaram
- 15.05 - Gala do Folclore Português (1.ª parte)
- 16.00 - América Selvagem
- 16.30 - Ponto por Ponto
- 17.25 - Brinca Brincando
- 18.25 - Marretas (nova série, 1.º epis.)
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando



- 21.15 - Masada (série, 4.º e últ. epis.)
- 23.05 - Portugal ao Encontro da Sua História
- 23.35 - 24 Horas
- 00.05 - Remate

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Agora Escolha
- 16.55 - Sinhá Moça
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - The Skating Ring (telefilme)
- 19.00 - Music Box
- 19.55 - Os Intocáveis
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Ópera Lucia de Lammermoor, de Donizetti

Terça

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Às Dez
- 12.05 - Amor com Amor se Paga
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Dallas
- 14.30 - Os Filhos dos Flistones
- 14.55 - Bairros Populares de Lisboa - Castelo
- 15.20 - Gala do Folclore Português (2.ª parte)
- 16.20 - América Selvagem
- 16.45 - Ponto por Ponto
- 17.35 - Brinca Brincando
- 18.25 - Marretas
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando
- 21.15 - O Regresso de Sherlock Holmes (1.º epis.)
- 22.15 - Primeira Página
- 23.15 - Chefe, Mas Pouco... (5.º epis.)
- 23.45 - 24 Horas
- 00.15 - Remate

RTP2

- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.25 - Rumo aos Céus (9.º epis.)
- 16.20 - Tempos de Música
- 16.55 - Sinhá Moça
- 17.30 - Trinta Minutos Com...
- 18.00 - Music Box
- 19.55 - Os Intocáveis
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Cine Magazine
- 22.00 - Cinemadols: «Os Encontros de Ana», real. Chantal Akerman

Quarta

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Amor com Amor se Paga
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Coit em Acção (9.º epis.)

Filmes

- «O Atentado ao Papa» — 6.ª, 00.15, e Sáb., 23.40 — RTP-1
- «Vitória do Amor» — sáb. 14.00, RTP-1
- «... E o Sol Também Brilha» — dom. 15.15, RTP-1
- «A Rapariga da Cidade» dom., 22.10, RTP-2
- Os Encontros de Ana — 3.ª, 22.00, RTP-2
- «O Rato que Ruge» — 4.ª, 21.30, RTP-1

Música

- Quinta
- 15.05, RTP-1: Huey Lewis & The News
- Sexta
- 15.05, RTP-1: Shakatak
- 19.00, RTP-2: Haja Música
- Sábado
- 18.25, RTP-1: Vivamúsica
- 19.55, RTP-2: Music Box
- Domingo
- 14.40, RTP-2 — Elvis Presley



- Segunda
- 15.05, RTP-1: Folclore Português-I
- 19.00, RTP-2: Music Box
- 21.30, RTP-2: «Lucia de Lammermoor»
- Terça
- 15.20, RTP-1: Folclore Português-II
- 18.00, RTP-2: Music Box

Desporto

- Remate RTP-1, 5.ª (00.15), 6.ª (23.55), 2.ª (00.05), 3.ª (00.15) e 4.ª (00.15)
- Rotações — RTP-2, 6.ª (23.45)
- Estádio — RTP-2, sáb. (16.00)
- Troféu — RTP-2, dom. (10.00 e 15.45)

- 14.15 - Os Campbells (12.º epis.)
- 14.45 - Festas e Romarias de Portugal
- 15.05 - Musical
- 16.05 - América Selvagem
- 16.30 - Ponto por Ponto
- 17.25 - Brinca Brincando
- 18.25 - Marretas
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Sassaricando
- 21.10 - Vamos jogar no Totobola
- 21.30 - Lotação Esgotada: «O Rato que Ruge», real. Jack Arnold (EUA-GB/1959, 85 min)

- 23.45 - 24 Horas
 - 00.15 - Remate
- ### RTP2
- 15.00 - Filhos e Filhas
 - 15.25 - Agora, Escolha
 - 16.55 - Sinhá Moça
 - 17.30 - Trinta Minutos Com...
 - 18.00 - Paisagens da Terra (5.º epis.)
 - 19.00 - Music Box
 - 21.00 - Jornal das Nove
 - 21.30 - Grande Sertão: Veredas (23.º epis.)
 - 22.10 - Música n' América

Teatro

O Cartaz

LISBOA

Casa da Comédia, Rua S. Francisco Borja, 24. De 3.ª a dom. às 22.00 What Happened to Madelona Iglésias?, de Filipe La Féria.

Comuna, Pç. de Espanha. Sala 1 — De 3.ª a dom. às 21.30.

Como é Difícil o Amor em Portugal, de Fernando Gomes a partir de Júlio Dantas, enc. Fernando Gomes. Café-Teatro — Inox, de Ana Bola e José Pedro Gomes, 5.ª, 6.ª e sáb. às 24 horas (até 3/9).

Teatro da Graça, Trav. S. Vicente, 11. De 3.ª a sáb. às 21.00, dom. às 16.00 horas. Filho do Ar, sobre textos de Coc-teau/Tchekov/O'Neill, encen. Carlos Fer-



nando (até 27/8).

Teatro Variedades, Parque Mayer. De 3.ª a dom. às 20.30 e 22.45 horas, dom. também às 16.00. A Prova dos Números Novos, re-

vista de H. Santana, F. Nicholson, A. Fraga e Nazareth Fernandes, enc. Maria Helena Matos.

• **ALMADA**
Teatro Municipal

de Almada De 3.ª a sáb. às 21.00, dom. às 15.00 e às 21.00. Marco Milhão de Eugene O'Neill, enc. Joaquim Benite, pela Companhia de Teatro de Almada.

Novo lançamento

O COURAÇADO
«POTEMKINE»

Realização: SERGUEI EISENSTEIN
Imagens: EDOUARD TISSE

Pedidos a CRAC SERVIÇOS
Avenida Gen. Humberto Delgado, Lote 13, CZ n.º 3
Queluz Ocidental — 2745 QUELUZ

Exposições

• LISBOA

Amália Rodrigues — 50 Anos — A carreira de Amália Rodrigues através de fotografias, cartazes, pinturas, vestidos, jóias, discos. Museu Nacional do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3.ª a sáb. das 10 às 13 e das 14.30 às 17, dom. até às 18.

Ângela Garcia — Pintura em batik. Gal. Espiral, Praça Ilha do Faial, 14. De 2.ª a sáb. das 12 às 21.30.

Arte em Berlim. De 1900 até Hoje — Pintura, escultura. Centro de Arte Moderna, R. Nicolau Bettencourt, 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10 às 17, 4.ª e sáb. das 14 às 19.30 (até 24/9).

Bonecas do Japão — Fundação Calouste Gulbenkian, Galeria dos Congressos. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

Carlos Botelho — Retrospectiva de pintura. Fundação Calouste Gulbenkian, Piso O. De 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10 às 17, 4.ª e sáb. das 14 às 19 e 30 (até 3/9).

Carlos Carneiro — «Catedrais»: aguare-

holo, Candeias, Cargaleiro, Dacosta, Escada, Costa Pinheiro, Pomar, Vieira da Silva, entre outros). Palácio Nacional da Ajuda-Galeria do Rei D. Luís, Calçada da Ajuda. De 3.ª a 6.ª das 10 às 19, sáb. e dom. das 10 às 17 (até 10/9).

J. Seward Johnson — Esculturas em bronze. Jardins da Fundação Gulbenkian.

Livros Antigos Portugueses (impressos e manuscritos) sobre a História dos Descobrimentos. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a sáb. das 15 às 20.

Livros Portugueses de Cozinha — bibliográfica. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a sáb. das 10 às 19 (até 31/8).

Lugar da Arquitectura Europeia — colectiva de 16 arquitectos de Portugal, Espanha, França e Itália. Fundação Gulbenkian (inaugura hoje).

Maria Kell — Azulejos. Museu Nacional do Azulejo, Rua da

• PORTO

Abel Salazar — Exposição comemorativa do centésimo aniversário do seu nascimento. Museu Nacional Soares dos Reis. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

Colectiva de pintura luso-espanhola. Inter-Atrium, Av. da Boavista, 1471 (até 19/8).

• OUTRAS LOCALIDADES
2.ª Mostra de Escultura ao Ar Livre. Até 30/9, Parque Central AMADORA.

A Jovem Escultura Portuguesa. Instalações da Bidalcar. De 2.ª a 6.ª das 9 às 19, sáb. das 9 às 13 (até 15/9) AVEIRO.

3.ª Bienal de Escultura e Desenho das Caldas da Rainha e Retrospectiva de Escultura de Martins Correia. Pavilhões do Parque D. Carlos I. De 2.ª a 6.ª das 15 às 20, sáb. e dom. a partir das 10 (até 15/9) CALDAS DA RAINHA.

Paul Mathieu — Pintura. Galeria Atelier EC, Al. Cor. Linhares Lima (até 6/9) COLARES.



las, carvões, águas-tintas. Fundação Gulbenkian. 3.ª, 5.ª, 6.ª e dom. das 10 às 17, 4.ª e sáb. das 14 às 19.30 (até 3/9).

Colectiva de pintura (Alda Nobre, Manuel Vieira, Sofia Areal). Gal. Alda Cortez, Largo de Santos, 1. De 2.ª a sáb. das 15 às 20.

Colectiva de pintura (António Palolo, António Viana, Daniel Nave, Isabel Garcia, João Moreira, José Paulo Ferro, Luís França, Rocha Pinto). Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. De 2.ª a 6.ª das 10 às 19, sáb. até às 13.

Colectiva de tapeçaria. Gal. Tapeçarias de Portalegre (Rua Acad. das Ciências, 2-J). De 2.ª a 6.ª, das 10 às 13 e das 15 às 19.30.

«As Cores da Revolução» — Colectiva de obras de Jacques Bernar e de artistas portugueses que trabalham ou trabalharam em Paris (Bert-

Madre Deus 4. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

Pintura Portuguesa Contemporânea — 200 obras do espólio do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Galeria de Exposições Temporárias do Palácio Nacional de Queluz. De 4.ª a 2.ª das 10 às 13 e das 14 às 17.

Rever Lisboa — Fotografias da colecção da Câmara Municipal de Lisboa. Monumento das Descobertas (Belém). Das 9 às 19; à 2.ª das 14 às 19.

Tapeçarias do Séc. XVI. Galeria do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3.ª a dom. das 10 às 17.

Teotónio S. Agostinho — Pintura e desenho. Galeria João Hogan, Rua da Voz do Operário, 13. De 2.ª a 6.ª das 14 às 20, sáb. das 15 às 19 (até 18/8).

António Sena — Pintura e desenho. Convento dos Capuchos. De 2.ª a sáb. das 16 às 19.30. COSTA DE CAPARICA.

Helena Curado — Pintura. Casino Estoril (espaço 2). Até 20/8, ESTORIL.

Maria José Oliveira — Pintura. Galeria Arcada, Arcadas do Parque. De 4.ª a 2.ª das 11 às 13 e das 14 às 19 (até 6/9) ESTORIL.

Azulejos do Concelho de Loures (Sécs. XVI a XX). Casa do Adro, Rua Fria. De 3.ª a dom. das 9.30 às 12.30 e das 14 às 17.30 LOURES.

Maria Gabriel — Gravura. Clube Lago MONTE ESTORIL.

Escultura Contemporânea (2.ª Bienal Internacional de Óbidos). Solar da Praça de Santa Maria, das 10 às 19 ÓBIDOS.

Colectiva de Escultura «A escultura

habita esta casa». Até 14/9, Centro de Arte de S. JOÃO DA MADEIRA.

Colectiva de Fotografia (Alvaro Rosendo, Celina Morais, Hervé Dangle, Hélder Lage, Victor Ferreira). De 2.ª a 6.ª das 10 às 19 e das 20.30 às 23, sáb. e dom. das 15 às 19 e das 20.30 às 23. Centro Cultural Emmerico Nunes, SINES.

Luís Andrade — Pintura. Gal. O Outro Lado do Espelho, R. Dr. Alfredo Costa, 14, SINTRA.

Edith Forjaz — Pintura. Palácio Nacional da Pena. De 3.ª a dom. das 10 às 17 SINTRA.

Francisco Gaia — Pintura. Galeria Municipal de Exposições. De 3.ª a dom. das 15 às 22 (até 27/8) VILA FRANCA DE XIRA.

1.ª Bienal de Fotografia de V.F. Xira. Sala do Celeiro do Edifício Patriarcal (até 31/8) VILA FRANCA DE XIRA.

As esculturas «hiper-realistas» de Seward Johnson recentemente plantadas nos jardins da Gulbenkian não têm o apreço da crítica; em compensação, os visitantes divertem-se a contracena com aqueles senhores e senhoras que parecem mesmo a sério...



Cinema A selecção

		David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A	Fuga sem Fim	★★★★	★★★	—	★★★
B	Histórias de Nova Iorque	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★★
C	Irmãos Inseparáveis	★★★★	★★★★	★★★	★★★★
D	Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos	★★★	★★★★	★★★	★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. Sidney Lumet — Alfa/3 (14.15, 16.45, 21.45, 00.15), Amoreiras/8 (14.30, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), Lisboa.
- B — Real. M. Scorsese, F.F. Coppola e W. Allen — Quarteto (21.30, 23.30) — Lisboa.
- C — Real. David Cronenberg — Amoreiras/5 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Mundial/2 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45), Lisboa.
- D — Real. Pedro Almodóvar — Quarteto/2 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa.

(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica).

Tempo Fim de Semana



Céu geralmente limpo, vento fraco, soprando em regime de nortada moderado durante a tarde no Litoral Oeste.

a TV

Quem cala...

Quando lhe interessa, a televisão pisa e repisa o mesmo tema. Se fala da Polónia, é obrigatório citar o Solidarnosc. Se fala da Checoslováquia tem de falar da «primavera de Praga». E não fala de Angola sem uma referência à presença das tropas cubanas...

A propósito dos exercícios do exército norte-americano no Panamá, para onde vai a tónica? Não vai para a ilegitimidade da operação nem para a provocação dela, a informação até nos diz que os soldados estão lá em missão de defesa... A tónica vai para as acusações dos Estados Unidos feitas a Noriega de ligações ao mundo da droga, e para o «refúgio fortificado» de Noriega...

Não é informação. É cobertura das poucas vergonhas do Pentágono, da Casa Branca & Cia!

**

Exemplo convincente da má-fé dos informadores da RTP veio do **Jornal de Sábado**, com aquele dossier sobre a Polónia.

Uma verificação imediata: nada se dizia que acrescentasse algo de novo ao noticiário já conhecido. No entanto, lá aproveitavam material de arquivo (organizado tão sofisticadamente que juro ser de fabrico estrangeiro...) para mais uma acha na campanha anticomunista para uso interno.

É o costume. Quando há eleições, a RTP refina os seus métodos condenáveis. Ao abrigo, claro da sua liberdade de informar, que não tem em conta a liberdade da audiência de ser bem informada.

**

Cena na telenovela brasileira. Num hotel, o gerente, por imposição de um magnata americano, pretende expulsar um brasileiro. Ele insiste: «Por este andar — diz — o Brasil ficará uma espécie de Bolívia.»

Traduzindo para a nossa língua: «Por este andar, Portugal ficará uma espécie de telejornal»...

**

Grande reportagem corrente. Empréstimo do Governo à Câmara de Barcelos. Um milhão de contos, pagáveis em quinze anos. Ficamos a saber, pelo próprio presidente entrevistado, que o milhão de contos se destina a livrar-se do pesadelo dos credores que não largam a Câmara nem de dia nem de noite. Também sabemos que tais empréstimos podem ser concedidos para cobrir os erros da má gestão das Câmaras.

Telejornal só se esqueceu de dizer uma coisa: que a gestão de Barcelos está entregue ao PSD...

**

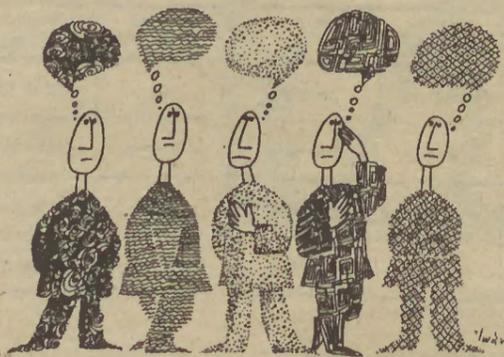
Impressionantes aquelas imagens que nos vieram de Matosinhos. Um bairro de lata coberto de lixo, de sujidade, mosquitos, rataranas por todo o lado. No meio de tudo aquilo, dezenas de crianças, atacadas pela doença e pela fome, gozam as delícias de viverem num país cujo Governo é extremo defensor dos «direitos humanos»...

**

Nove de Agosto de 1989. Freitas do Amaral discute condições de pacto com o PSD. Entre várias coisas bastante interessantes que nos dissera, ressaltara uma informação gravíssima: o Governo discrimina as autarquias que não tenham gestão PSD.

Nesse dia, pois, a nove de Agosto, Carlos Brito, do PSD do Porto, atira-se ao CDS, duramente, mas sem qualquer qualidade informativa. No entanto, a RTP publica a declaração de Carlos Brito em **todos** os boletins informativos!!!

Pura lavagem ao cérebro. Entretanto, sobre a acusação precisa de Freitas do Amaral, nem uma palavra. Não é para casos destes que se costuma dizer que quem cala consente?



■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

Agosto morno

Num mês em que, habitualmente, as notícias também vão de férias, as próximas eleições autárquicas são o prato forte dos jornais. Mas, para além da Volta que acabou, vão aparecendo alguns petiscos, uns doces, outros a descair para o intragável.

Puxar a brasa...

«Marcelo Rebelo de Sousa começa a apresentar projectos concretos de gestão autárquica. Revelou, por exemplo, ao **Semanário** que quer prolongar a Avenida dos Estados Unidos até ao Tejo e discutiu com a PSP fórmulas de maior segurança para os cidadãos. Entretanto, Jorge Sampaio, que antontem visitou uma zona da cidade (Xabregas) mantém, ainda, um discurso programático e só em princípios de Outubro avançará com propostas concretas de gestão, quando as suas vinte comissões de apoio definirem os objectivos e a sua exigibilidade. O líder do PS vai, agora, aos EUA onde ficará cerca de duas semanas.»

(«**Semanário**», 12 de Agosto, 1.ª página)

... para se queimar

«Foi, contudo, a um certo nível de concretização que o candidato da esquerda traçou um programa para a zona oriental que inclui um parque e a recuperação de Xabregas. O programa de Jorge Sampaio prevê a construção do parque urbano oriental, o centro sul dos Olivais, a integração e articulação dos bairros dos Olivais, Chelas, Beato e Marvila, tratamento e acesso da zona ribeirinha, reabilitação e requalificação da zona fabril antiga à volta de Santa Apolónia, criação de uma zona desportiva ligada ao rio, na doca dos Olivais, reabilitação dos palacetes.»

Jorge Sampaio defende, como uma política fundamental, que a cidade se desconcentre, como forma de reanimação do seu tecido periférico: propõe a criação de «novos centros em Benfica-Carnide, Alcântara-Ajuda e na zona oriental». Isto como forma de revitalização do espaço e do ambiente urbanos.

Lisboa manteve-se à margem do processo de renovação das cidades modernas — considera Sampaio. E para isso «é preciso articular o crescimento com o investi-

mento, com a legitimidade da iniciativa privada e, ao mesmo tempo, com uma acção reequilibradora das injustiças e desigualdades existentes nas cidades».

(«**Semanário**», 12 de Agosto, página 9)

A notícia

«Enquanto se vão perdendo as esperanças de vir a encontrar o papagaio «Chico», que há quase uma semana fugiu de casa de Amália Rodrigues, procuraram-se maneiras de substituir o pássaro desaparecido, de modo a minorar o desgosto que a nossa maior fadista vai com certeza sentir, quando voltar no fim do mês.»

O Jardim Zoológico de Lisboa já pôs à disposição de Amália os papagaios que possui, numa atitude considerada «muito bonita» pelas amigas da artista, que se encontram naturalmente aflitas com a fuga do pássaro deixado à sua guarda.

Embora se saiba que o «Chico» foi dado por um grupo de amigos e que já tinha conquistado o coração de Amália, sendo portanto difícil de substituir, sempre é uma consolação.

Entretanto, a fadista continua a receber provas de solidariedade pela perda do seu bicho de estimação, num momento em que pessoas de péssimo gosto têm telefonado — ao que nos informam — com brincadeiras estúpidas e até com palavrões para sua casa, numa atitude inclassificável.

Desta vez foi um zootécnico de Macau que, em declarações à agência Lusa, lamentou não ser possível encontrar no território aves com «beleza e aptidão para falar», suficientemente dignos da rainha do fado.

O técnico opinou que o melhor papagaio para substituir o «Chico» é «o papagaio macho da mata atlântica do Brasil, verde, de testa amarela e com penas vermelhas nos encontros das asas».

O papagaio terá, no entanto, de «ser bastante jovem para poder vir a desenvolver plenamente a sua aptidão

para falar», referiu o zootécnico.

Quem sabe se algum dos inúmeros apreciadores de Amália no Brasil, portugueses ou brasileiros, consegue descobrir uma ave com essas características e com isso dar uma grande alegria à nossa grande fadista?

Aqui fica o apelo.

Enquanto tal não acontece, fique o leitor atento e veja se descobre o esquivo pássaro que dá pelo nome de «Chico». É verde com tons azulados e tem a ponta das asas vermelhas. Se o encontrar, telefone para o 67 18 96.»

(«**Diário Popular**», 12 de Agosto)

Mas... ainda não têm?!

«Os trabalhadores agrícolas do Norte e Centro reivindicaram, ontem, em Lamego, o direito a terem férias subsidiadas durante 30 dias e ao pagamento do décimo terceiro mês, revelou uma fonte sindical.»

A estas duas reivindicações, aprovadas num encontro que decorreu ontem à tarde em Lamego, acrescentaram exigências de equiparação do salário mínimo dos trabalhadores rurais ao Regime Geral e a adopção da semana de 45 horas.

A extensão da totalidade do contrato colectivo de trabalho agrícola de Vila Real a todos os distritos do Norte e Centro foi outra das reivindicações contida na moção ontem aprovada.

Segundo referiu o sindicalista Joaquim Moura, membro da Coordenadora dos Sindicatos Agrícolas do Norte e Centro, os trabalhadores rurais exigem uma melhoria da Segurança Social, da assistência médica e cuidados de saúde, a antecipação da idade da reforma para os 60 anos e o aumento imediato das pensões em mais 3500 escudos.

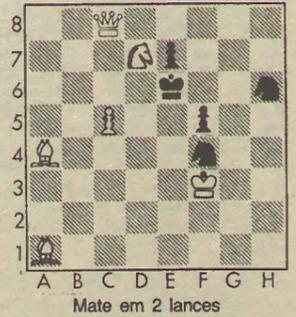
Num segundo documento aprovado na reunião de Lamego, que se refere à campanha da vindima, os trabalhadores deliberaram propor às entidades patronais um aumento de 20 por cento sobre os salários verificados no ano de 1988 e expor, por escrito, ao Governo a actual situação contratual dos agricultores.

Durante as duas próximas semanas, os cerca de 14 representantes dos Sindicatos Agrícolas de Bragança, Guarda, Vila Real e Viseu, vão reunir-se com os agricultores para darem a conhecer as moções aprovadas e prepararem o Sétimo Encontro da Vindima, que decorrerá no Peso da Régua a 27 de Agosto.»

(«**Correio da Manhã**», 14 de Agosto)

Xadrez

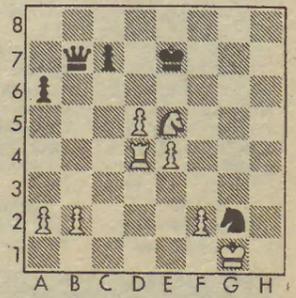
CCXV — 17 de Agosto de 1989
Proposição n.º 215/A
Por: A. Norlin
«Nord Skaktidende», 1879
Pr. [5]: Ps67, f5-Cs, f4, h6-R66
Br. [6]: Pç5-Cd7-Bs.a1, a4-Dç8-Rf3



Mate em 2 lances

Proposição n.º 215/B
Por: A. Troitzki
— 1910

Pr. [5]: Ps.a6, ç7-Cg2-Db7-R67
Br. [6]: Ps.a2, b2, d5, 64, f2 — C65-Td4-Rg1



Jogam as brancas e ganham

Soluções do n.º CCXV

N.º 215/A (A.N.): Chave:

1. Bh8!

1. Rf7; 2. C65++

1. Cf7; 2. Cb6++

1. Ch7; 2. Dg8++

1. Cd5; 2. C65++

1. Cf7; 2. Bb3++

N.º 215/B (A.T.): 1. Tb4!, Dç8; 2. Tb8!, Dh3; 3. Th8!, Ch4; 4. Th4! Dç8; 5. Th8!, Db7; 6. Tb8! e as Brancas ganham! (... Se a Dama captura a Torre, será, de seguida, capturada!)

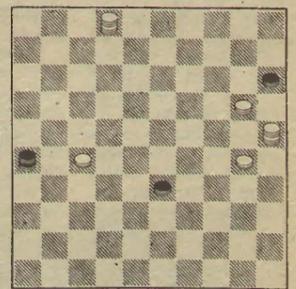
A. de M.M.

Damas

CCXV — 17 de Agosto de 1989
Proposição n.º 215
Por: M. Nicolas
— 1951

Pr.: [3]: 15 — (26) — 33

Br. [5]: (2) — 20 — (25) — 27 — 30



Jogam as brancas e ganham

Golpe n.º 215

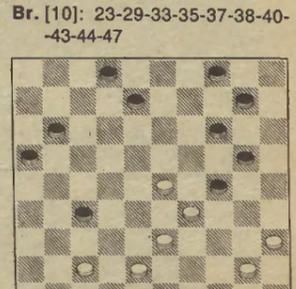
Por: Dubois (Lyons)

Campeonato de França, 1980

(contra A. Verse)

Pr. [10]: 2-4-8-10-11-14-16-20-24-27

Br. [10]: 23-29-33-35-37-38-40-43-44-47



Jogam as pretas e ganham

Soluções do n.º CCXV

N.º 215 (M.N.): 27-21 (26x35)

A, 25-30: Se: (35x19), 2x38...+

Se: (15x24), 30x19...+ Se:

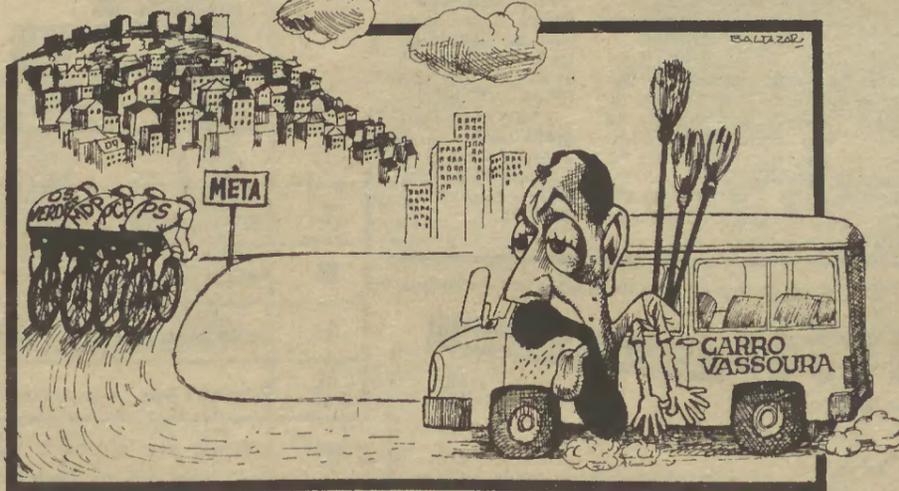
(35x24), 20x38+ — A: Se: (15x35),

2-24 (26x30), 25x28+

Golpe n.º 215 (D.): (24-30),

35x15 (4-9), 15x13 (8x48=)+

A. de M.M.



MARCELO REBELO DE SOUSA À IMPRENSA:

O meu símbolo é a vassoura

(«**Fim de Semana**"/o diário", 12 de Agosto)